

• Ficha de avaliação 1 A	1
• Ficha de avaliação 1 B	8
• Ficha de avaliação 2 A	15
• Ficha de avaliação 2 B	21
• Ficha de avaliação 3 A	27
• Ficha de avaliação 3 B	33
• Ficha de avaliação 4 A	39
• Ficha de avaliação 4 B	45
• Ficha de avaliação 5 A	49
• Ficha de avaliação 5 B	55
• Ficha de avaliação 6 A	61
• Ficha de avaliação 6 B	66
• Correção das fichas de avaliação A e B	71
• Cotações das fichas de avaliação A e B	84

NOTA PRÉVIA:

A seguir apresenta-se um conjunto de seis fichas de avaliação, que abarca a totalidade dos conteúdos explorados no manual. São fornecidas duas versões de cada ficha de avaliação (A e B), sendo a versão B adaptada a alunos com NEE. As adequações que se apresentam nas fichas de avaliação adaptadas não compreenderão, certamente, todo o universo de alunos com Necessidades Educativas Especiais; por isso, consideramos que nunca se deve esquecer a problemática de cada aluno. Assim, o docente deverá, em função dessa problemática, ponderar todos os aspetos que sejam relevantes para um maior sucesso dos alunos em questão. A extensão da ficha e o grau de dificuldade das questões são alguns aspetos a considerar.

Ficha de avaliação 1 A

GRUPO I

Parte A

Lê atentamente o texto que se segue.

Descoberta fascinante!

Logo que a Margarida avisou, já dentro da carrinha, que eu ficava em casa da avó Elisa, percebi que havia qualquer coisa de estranho em tudo aquilo, que alguma coisa não estava bem.

Mas ninguém me sabia explicar fosse o que fosse.

5 — Foi o Pedro que me deu o recado — dizia a Margarida.

E jurava a pés juntos que não sabia mais do que isso: eu ia ficar em casa da avó Elisa e não na minha, como sempre acontece.

Eu gosto da avó Elisa, mas não sei porquê a casa dela está sempre ligada a coisas desagradáveis.

10 A casa não tem culpa, eu sei. Mas é sempre para lá que me mandam quando alguém morre, como aconteceu no ano passado com a avó Lúcia. E foi para lá que me mandaram quando a minha mãe foi operada. E quando a Rosa nasceu.

A casa da avó Elisa é sempre um lugar para onde entro triste. Se a tristeza tivesse cheiro, acho que tinha o cheiro das paredes da casa da avó Elisa. [...]

15 — Que foi que aconteceu? Porque é que vim hoje para tua casa? Morreu alguém, avó? Quem foi que morreu? Diz, avó! Foi a mãe?

— Não digas disparates, Mariana! Mas que tolinha que me saiu a minha neta! Vamos lá entrar e não diga mais tontices.

Fiquei mais calma, consegui suportar o elevador a chegar até ao quinto andar, devagar, 20 devagar, e não fiz mais perguntas. Ninguém tinha morrido — isso, pelo menos, eu já sabia.

Mas não sabia o resto: que a minha irmã tinha sido levada de manhã para o hospital, e a mãe estava com ela.

A avó Elisa falava em pneumonia, e eu não sabia bem o que tal palavra queria dizer, palavra quase maior do que a Rosa, mas entendia o bastante para perceber que era uma 25 daquelas palavras que podem matar uma pessoa.

— A tosse não parava — dizia a avó Elisa. — A febre subiu aos 40 graus e começou a ter muita falta de ar. O Dr. Matos foi lá a casa e mandou-a logo para o hospital. O teu pai veio de lá há bocado, e diz que a puseram numa tenda de oxigénio para poder respirar. [...]

Volto a pegar nas fichas para disfarçar nem eu sei bem o quê. Mas como posso eu 30 pensar em conjuntos se este conjunto que somos nós aqui em casa está incompleto? Alguém entrou nele e dele tirou a Rosa. E assim o conjunto ficou imperfeito, sem um dos seus elementos, e a ficha ficou errada.

E se a Rosa não voltar para dentro do conjunto a que pertence, nunca mais acredito na Matemática.

35 Nunca pensei que a minha casa pudesse ficar assim vazia, assim tão cheia de nenhum barulho. A não ser nestes últimos dias, a Rosa não fazia muito barulho: às vezes eu estava a ler, a colar cromos ou a brincar com a Zica, e nem me lembrava dela. E agora que ela cá não está é que eu vejo como ela, afinal, enchia esta casa toda, e como isso era bom. [...]

Acho que assim que a Rosa vier para casa tudo vai ser muito melhor do que era dantes,
40 no tempo em que a «menina» era eu e ela não existia ainda sequer no nosso pensamento.

— Pai...

— Que é?

— Sabes o que eu descobri?

— Não, diz lá.

45 — Descobri que a Rosa é minha irmã, que a Rosa é da minha família, como o rouxinol que aqui vem cantar no verão...

O pai não se riu nem disse «que disparate!», como eu cheguei a temer. Ficou calado muito tempo. E depois:

— Mariana...

50 — Que é?

— Nós temos andado muito preocupados e cansados e por isso não te temos dado muita atenção, não é? Eu sei que tu dantes conversavas muito comigo e com a mãe, que passeávamos aos domingos e que havia sempre tempo para estar ao pé de ti.

Não te tenho dito nada, mas também noto que tu andas aborrecida. E a mãe também
55 sabe. Ainda há bocado, lá no hospital, falámos nisso. Mas agora que a Rosa vai ficar boa e vai voltar para casa, prometo que as coisas vão ser diferentes.

ALICE VIEIRA, *Rosa, minha irmã Rosa*, Lisboa, Caminho, 2006 (com supressões).

1 Classifica cada uma das seguintes afirmações como verdadeira (V) ou falsa (F), de acordo com o texto.

- ☐ (A) A Margarida avisa a Mariana de que nesse dia vai ficar em casa da avó Elisa.
- ☐ (B) A casa da avó Elisa está associada a momentos agradáveis da vida da Mariana.
- ☐ (C) Com as várias perguntas à avó, a Mariana evidencia preocupação e curiosidade em saber o que se passa com a sua irmã.
- ☐ (D) A doença e o internamento da Rosa deixaram a Mariana indiferente.
- ☐ (E) Com a expressão «enchia esta casa toda», a Mariana quer dizer que a sua irmã não lhe cedia nenhum espaço da casa.
- ☐ (F) Tal como o canto do rouxinol no verão, assim a Rosa transmite alegria e satisfação à Mariana.
- ☐ (G) A Mariana continua a não aceitar a sua irmã como membro da família.
- ☐ (H) O pai da Mariana pede-lhe desculpa, em seu nome e da mãe, pela pouca atenção que lhe têm dado desde que a irmã nasceu.

- 2** No excerto é possível identificar seis partes, de acordo com a evolução da ação. Associa cada parte à respetiva síntese.

Delimitação das partes	Síntese
(A) 1. ^a parte: linhas 1 a 7 ☐	1. Conjuntos imperfeitos.
(B) 2. ^a parte: linhas 8 a 14 ☐	2. Arrependimento do pai.
(C) 3. ^a parte: linhas 15 a 29 ☐	3. Confissão da Mariana.
(D) 4. ^a parte: linhas 30 a 34 ☐	4. Aviso inesperado da Margarida.
(E) 5. ^a parte: linhas 35 a 48 ☐	5. Preocupação natural com a irmã Rosa.
(F) 6. ^a parte: linhas 49 a 56 ☐	6. Casa triste da avó Elisa.

- 3** No texto pode ler-se: «Descobri que a Rosa é minha irmã, que a Rosa é da minha família, como o rouxinol que aqui vem cantar no verão...» (II. 47-48)

3.1 Identifica o recurso expressivo presente na fala.

3.2 Explica por que razão a Mariana associa a irmã a um rouxinol.

Parte B

Lê agora o seguinte texto, retirado de outra obra da mesma autora, onde intervém a mesma personagem.

Era difícil entender... (Capítulo XIV)

De um dia para o outro uma pessoa chega e descobre que a vida é qualquer coisa mais do que dias que se sucedem a outros dias, nas mesmas quatro paredes, com as mesmas pessoas e as mesmas palavras.

Acho que foi isto mais ou menos que eu entendi de tudo. Era difícil entender. ⁵ Faltava com certeza qualquer coisa mais. Faltava com certeza uma grande razão para que tudo acontecesse dessa maneira. Ninguém se cansa se não tiver um motivo. Ninguém pode um dia dizer «adeus, vou-me embora» só porque descobriu que podia ser bem mais divertido viver noutro lugar. Mas acho que foi isto que eu entendi, quando a mãe me contou o que se passava, dias depois.

¹⁰ A Rosa andava lá entretida na pintura da sua parede, cada vez mais parecida com o arco-íris.

— Os pais da Rita vão-se separar.

Não encontrei nada para dizer. [...]

Acho que a gente deve sempre pensar em coisas importantes e sérias nestas alturas.

¹⁵ Mas eu não podia impedir-me de pensar em coisas idiotas [...].

Acho que se a tia Magda fosse viva tinha agora toda a razão do mundo para me chamar insensível, como ela tantas vezes repetia. Devo ser mesmo insensível. Porque os pais da Rita vão separar-se e eu estou aqui a ouvir tudo isso e a lembrar-me do chão sujo do meu quarto e das brincadeiras que me encheram o fim de semana. [...]

²⁰ — Talvez fosse bom falares com a Rita — diz a minha mãe, cansada decerto de esperar pelas minhas palavras.

— Ela há dias quando cá esteve não me disse nada.

— Não são assim coisas muito fáceis de dizer. Mas talvez fosse melhor fazeres-lhe agora mais companhia. Ela deve estar rodeada de pessoas horrorosas, daquelas que ²⁵ parecem alimentar-se com os males alheios. Tu és das poucas amigas verdadeiras que ela tem. Vai ter com ela. Olha que os amigos são para as ocasiões.

Os amigos são para as ocasiões. De pequenino se torce o pepino. Grão a grão enche a galinha o papo. Como a gente se tinha divertido com os provérbios e adivinhas para animar a Maria do Céu. E como o sr. Ernesto tinha levantado aquela tenda em menos ³⁰ de um ai. E como era azul a água da piscina. E como cheiravam bem todas aquelas ruazinhas cheias de flores e pinheiros.

— Podias lá passar a tarde.

E a gente olhava desconfiada para os espiões que liam *A Bola* e falavam da lesão do Alves e para as espias que ouviam os folhetins à hora do almoço e penduravam a ³⁵ roupa lavada durante a manhã.

— Ou então telefona-lhe e pergunta-lhe se ela não quer antes vir cá.

As saudades que eu tenho do meu bibe de barcos.

(Capítulo XV)

Pela primeira vez na minha vida foi forçado o meu sorriso para a Rita quando ela veio abrir a porta. Até agora eu entrava em casa dela como na minha, sabia-lhe os ⁴⁰ cantos e os cheiros, espalhava pelo chão do quarto dela as cadernetas de cromos e aquele era também o meu país. Agora a Rita era uma pessoa que eu não conhecia, aquela casa transformara-se num qualquer estrangeiro que nem sequer vinha marcado no meu atlas e as cadernetas de cromos tinham ficado arrumadas num tempo que me parecia quase nem ter existido. «Não faças drama», tinha dito a minha mãe «também ⁴⁵ não vai ser o fim do mundo!»

ALICE VIEIRA, *Chocolate à chuva*, Lisboa, Caminho, 1999 (com supressões).

1 Classifica a narradora desta história, tendo em conta a sua participação na ação.

2 Que notícia trouxe a mãe da narradora?

3 Com base nos dois primeiros parágrafos, refere o que entendeu a narradora do que aconteceu na casa da Rita.

- 4** Por que razão a narradora se lembrou das palavras da tia Magda?

- 5** A dada altura, a mãe da narradora dá-lhe um conselho. Qual é?

- 5.1** Porque lhe dá a mãe tal conselho?

- 6** Enquanto a mãe fala, a narradora parece confirmar as palavras da tia Magda. Justifica a afirmação.

- 7** No texto pode ler-se: «... aquela casa transformara-se num qualquer estrangeiro que nem sequer vinha marcado no meu atlas...» (II. 42-43)

Comenta a frase, relacionando-a com o que é narrado no início do capítulo xv.

GRUPO II

- 1** No texto pode ler-se: «Acho que foi isto mais ou menos que eu entendi de tudo.» (I. 4)

- 1.1** Identifica a subclasse a que pertencem os verbos da frase.

- 1.2** Identifica o tempo, o modo e a pessoa em que estão as formas verbais.

1.3 Reescreve a frase mudando as formas verbais para o tempo e modo que são pedidos.

- (A) Acho que _____ (*presente do indicativo*) isto mais ou menos que eu _____ (*presente do indicativo*) de tudo.
- (B) Acho que _____ (*pretérito imperfeito do indicativo*) isto mais ou menos que eu _____ (*pretérito imperfeito do indicativo*) de tudo.
- (C) Acho que _____ (*pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo*) isto mais ou menos que eu _____ (*pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo*) de tudo.

2 Reescreve as frases substituindo as palavras sublinhadas pelos elementos a que se referem.

- (A) «... como ela tantas vezes repetia.» (l. 17)

- (B) «Mas talvez fosse melhor fazeres-lhe [...] mais companhia.» (ll. 23-24)

- (C) «Podias lá passar a tarde.» (l. 32)

3 Reescreve as frases, substituindo as palavras ou expressões sublinhadas pelo pronome pessoal correspondente.

- (A) «... a gente olhava [...] para os espiões...» (l. 33)

- (B) «... que liam A Bola e falavam da lesão do Alves...» (ll. 33-34)

- (C) «... penduravam a roupa lavada durante a manhã» (ll. 34-35)

4 Identifica a função sintática desempenhada pelas palavras ou expressões sublinhadas.

- (A) «... pergunta-lhe se ela não quer antes vir cá.» (l. 36)

- (B) «As saudades que eu tenho do meu bibe...» (l. 37)

- (C) «... foi forçado o meu sorriso para a Rita...» (l. 38)

No capítulo xv, a narradora vai visitar a sua amiga Rita.

Tendo em conta as informações que ela nos dá no excerto (o facto de a Rita não lhe ter dito nada sobre o divórcio dos pais; como se sentiu em casa da amiga agora que sabia o que estava a acontecer), escreve a possível conversa entre as duas amigas.

Considera as seguintes orientações:

- Não te esqueças de utilizar os dados que conheces da história;
- Faz uma introdução ao diálogo;
- Segue as regras de escrita do diálogo;
- Escreve, no mínimo, duas falas para cada personagem;
- Escreve uma conclusão do diálogo;
- O texto deve ter entre 120 e 180 palavras.

Observações:

1. Considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco (Exemplo: «Inscreve-te até às 18h30» contém quatro palavras).
2. Se o teu texto tiver:
 - menos de 120 palavras ou mais de 180 palavras, terá uma desvalorização até dois pontos;
 - menos de 40 palavras, será classificado com 0 (zero) pontos.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Ficha de avaliação 1 B

GRUPO I

Parte A

Lê atentamente o texto que se segue.

Descoberta fascinante!

Logo que a Margarida avisou, já dentro da carrinha, que eu ficava em casa da avó Elisa, percebi que havia qualquer coisa de estranho em tudo aquilo, que alguma coisa não estava bem.

Mas ninguém me sabia explicar fosse o que fosse.

5 — Foi o Pedro que me deu o recado — dizia a Margarida.

E jurava a pés juntos que não sabia mais do que isso: eu ia ficar em casa da avó Elisa e não na minha, como sempre acontece.

Eu gosto da avó Elisa, mas não sei porquê a casa dela está sempre ligada a coisas desagradáveis.

10 A casa não tem culpa, eu sei. Mas é sempre para lá que me mandam quando alguém morre, como aconteceu no ano passado com a avó Lúcia. E foi para lá que me mandaram quando a minha mãe foi operada. E quando a Rosa nasceu.

A casa da avó Elisa é sempre um lugar para onde entro triste. Se a tristeza tivesse cheiro, acho que tinha o cheiro das paredes da casa da avó Elisa. [...]

15 — Que foi que aconteceu? Porque é que vim hoje para tua casa? Morreu alguém, avó? Quem foi que morreu? Diz, avó! Foi a mãe?

— Não digas disparates, Mariana! Mas que tolinha que me saiu a minha neta! Vamos lá entrar e não diga mais tontices.

20 Fiquei mais calma, consegui suportar o elevador a chegar até ao quinto andar, devagar, devagar, e não fiz mais perguntas. Ninguém tinha morrido — isso, pelo menos, eu já sabia.

Mas não sabia o resto: que a minha irmã tinha sido levada de manhã para o hospital, e a mãe estava com ela.

25 A avó Elisa falava em pneumonia, e eu não sabia bem o que tal palavra queria dizer, palavra quase maior do que a Rosa, mas entendia o bastante para perceber que era uma daquelas palavras que podem matar uma pessoa.

— A tosse não parava — dizia a avó Elisa. — A febre subiu aos 40 graus e começou a ter muita falta de ar. O Dr. Matos foi lá a casa e mandou-a logo para o hospital. O teu pai veio de lá há bocado, e diz que a puseram numa tenda de oxigénio para poder respirar. [...]

30 Volto a pegar nas fichas para disfarçar nem eu sei bem o quê. Mas como posso eu pensar em conjuntos se este conjunto que somos nós aqui em casa está incompleto? Alguém entrou nele e dele tirou a Rosa. E assim o conjunto ficou imperfeito, sem um dos seus elementos, e a ficha ficou errada.

E se a Rosa não voltar para dentro do conjunto a que pertence, nunca mais acredito na Matemática.

35 Nunca pensei que a minha casa pudesse ficar assim vazia, assim tão cheia de nenhum barulho. A não ser nestes últimos dias, a Rosa não fazia muito barulho: às vezes eu estava a ler, a colar cromos ou a brincar com a Zica, e nem me lembrava dela. E agora que ela cá não está é que eu vejo como ela, afinal, enchia esta casa toda, e como isso era bom. [...]

Acho que assim que a Rosa vier para casa tudo vai ser muito melhor do que era dantes, 40 no tempo em que a «menina» era eu e ela não existia ainda sequer no nosso pensamento.

— Pai...

— Que é?

— Sabes o que eu descobri?

— Não, diz lá.

45 — Descobri que a Rosa é minha irmã, que a Rosa é da minha família, como o rouxinol que aqui vem cantar no verão...

O pai não se riu nem disse «que disparate!», como eu cheguei a temer. Ficou calado muito tempo. E depois:

— Mariana...

50 — Que é?

— Nós temos andado muito preocupados e cansados e por isso não te temos dado muita atenção, não é? Eu sei que tu dantes conversavas muito comigo e com a mãe, que passeávamos aos domingos e que havia sempre tempo para estar ao pé de ti.

Não te tenho dito nada, mas também noto que tu andas aborrecida. E a mãe também 55 sabe. Ainda há bocado, lá no hospital, falámos nisso. Mas agora que a Rosa vai ficar boa e vai voltar para casa, prometo que as coisas vão ser diferentes.

ALICE VIEIRA, *Rosa, minha irmã Rosa*, Lisboa, Caminho, 2006 (com supressões).

1 Classifica cada uma das seguintes afirmações como verdadeira (V) ou falsa (F), de acordo com o texto.

- ☐ (A) A Margarida avisa a Mariana de que nesse dia vai ficar em casa da avó Elisa.
- ☐ (B) A casa da avó Elisa está associada a momentos agradáveis da vida da Mariana.
- ☐ (C) Com as várias perguntas à avó, a Mariana evidencia preocupação e curiosidade em saber o que se passa com a sua irmã.
- ☐ (D) A doença e o internamento da Rosa deixaram a Mariana indiferente.
- ☐ (E) Com a expressão «enchia esta casa toda», a Mariana quer dizer que a sua irmã não lhe cedia nenhum espaço da casa.
- ☐ (F) Tal como o canto do rouxinol no verão, assim a Rosa transmite alegria e satisfação à Mariana.
- ☐ (G) A Mariana continua a não aceitar a sua irmã como membro da família.
- ☐ (H) O pai da Mariana pede-lhe desculpa, em seu nome e da mãe, pela pouca atenção que lhe têm dado desde que a irmã nasceu.

- 2** No excerto é possível identificar seis partes, de acordo com o assunto. Associa cada parte à respetiva síntese.

Delimitação das partes	Síntese
(A) 1. ^a parte: ☐	1. Conjuntos imperfeitos.
(B) 2. ^a parte: ☐	2. Arrependimento do pai.
(C) 3. ^a parte: ☐	3. Confissão da Mariana.
(D) 4. ^a parte: ☐	4. Aviso inesperado da Margarida.
(E) 5. ^a parte: ☐	5. Preocupação natural com a irmã Rosa.
(F) 6. ^a parte: ☐	6. Casa triste da avó Elisa.

- 3** No texto pode ler-se: «Descobri que a Rosa é minha irmã, que a Rosa é da minha família, como o rouxinol que aqui vem cantar no verão...» (ll. 47-48)

3.1 Identifica o recurso expressivo presente na fala acima transcrita.

3.2 Seleciona a opção que explica por que razão a Mariana associa a irmã a um rouxinol.

- ☐ (A) Porque a Rosa conseguia voar.
- ☐ (B) Porque a Rosa, como um rouxinol, enchia a casa de sons.
- ☐ (C) Porque toda a gente queria silêncio em casa.

Parte B

Lê agora o seguinte texto, retirado de outra obra da mesma autora, onde intervém a mesma personagem.

Era difícil entender... (Capítulo XIV)

De um dia para o outro uma pessoa chega e descobre que a vida é qualquer coisa mais do que dias que se sucedem a outros dias, nas mesmas quatro paredes, com as mesmas pessoas e as mesmas palavras.

Acho que foi isto mais ou menos que eu entendi de tudo. Era difícil entender. ⁵ Faltava com certeza qualquer coisa mais. Faltava com certeza uma grande razão para que tudo acontecesse dessa maneira. Ninguém se cansa se não tiver um motivo. Ninguém pode um dia dizer «adeus, vou-me embora» só porque descobriu que podia ser bem mais divertido viver noutro lugar. Mas acho que foi isto que eu entendi, quando a mãe me contou o que se passava, dias depois.

¹⁰ A Rosa andava lá entretida na pintura da sua parede, cada vez mais parecida com o arco-íris.

— Os pais da Rita vão-se separar.

Não encontrei nada para dizer. [...]

Acho que a gente deve sempre pensar em coisas importantes e sérias nestas alturas.

15 Mas eu não podia impedir-me de pensar em coisas idiotas [...].

Acho que se a tia Magda fosse viva tinha agora toda a razão do mundo para me chamar insensível, como ela tantas vezes repetia. Devo ser mesmo insensível. Porque os pais da Rita vão separar-se e eu estou aqui a ouvir tudo isso e a lembrar-me do chão sujo do meu quarto e das brincadeiras que me encheram o fim de semana. [...]

20 — Talvez fosse bom falares com a Rita — diz a minha mãe, cansada decerto de esperar pelas minhas palavras.

— Ela há dias quando cá estive não me disse nada.

— Não são assim coisas muito fáceis de dizer. Mas talvez fosse melhor fazeres-lhe agora mais companhia. Ela deve estar rodeada de pessoas horrorosas, daquelas que
25 parecem alimentar-se com os males alheios. Tu és das poucas amigas verdadeiras que ela tem. Vai ter com ela. Olha que os amigos são para as ocasiões.

Os amigos são para as ocasiões. De pequenino se torce o pepino. Grão a grão enche a galinha o papo. Como a gente se tinha divertido com os provérbios e adivinhas para animar a Maria do Céu. E como o sr. Ernesto tinha levantado aquela tenda em menos
30 de um ai. E como era azul a água da piscina. E como cheiravam bem todas aquelas ruazinhas cheias de flores e pinheiros.

— Podias lá passar a tarde.

E a gente olhava desconfiada para os espiões que liam *A Bola* e falavam da lesão do Alves e para as espias que ouviam os folhetins à hora do almoço e penduravam a
35 roupa lavada durante a manhã.

— Ou então telefona-lhe e pergunta-lhe se ela não quer antes vir cá.

As saudades que eu tenho do meu bibe de barcos.

(Capítulo XV)

Pela primeira vez na minha vida foi forçado o meu sorriso para a Rita quando ela veio abrir a porta. Até agora eu entrava em casa dela como na minha, sabia-lhe os
40 cantos e os cheiros, espalhava pelo chão do quarto dela as cadernetas de cromos e aquele era também o meu país. Agora a Rita era uma pessoa que eu não conhecia, aquela casa transformara-se num qualquer estrangeiro que nem sequer vinha marcado no meu atlas e as cadernetas de cromos tinham ficado arrumadas num tempo que me parecia quase nem ter existido. «Não faças drama», tinha dito a minha mãe «também não vai ser o fim do mundo!»

ALICE VIEIRA, *Chocolate à chuva*, Lisboa, Caminho, 1999 (com supressões).

1 Classifica a narradora desta história, tendo em conta a sua participação na ação.

2 Que notícia trouxe a mãe da narradora?

3 Selecciona a opção que completa corretamente a frase.

A narradora entendeu que em casa da Rita...

- ☐ (A) ... alguém decidiu que estava cansado de viver lá.
☐ (B) ... alguém decidiu que a filha devia sair.
☐ (C) ... alguém decidiu que nunca sairia.

4 Diz a narradora que a tia Magda tinha razão para lhe chamar insensível. Porquê?

5 A dada altura, a mãe da narradora dá-lhe um conselho. Qual é?

5.1 Selecciona a opção que completa corretamente a frase.

A mãe deu-lhe aquele conselho, porque...

- ☐ (A) ... estava cansada de a ver dentro de casa.
☐ (B) ... a amiga tinha telefonado a convidá-la.
☐ (C) ... era necessário ajudar a amiga.

6 Enquanto a mãe fala, a narradora está atenta ao que ela diz? Justifica a afirmação.

7 No texto pode ler-se: «... aquela casa transformara-se num qualquer estrangeiro que nem sequer vinha marcado no meu atlas...» (II. 42-43)**7.1** Qual é a casa de que fala a narradora?**7.2** Sabendo que «estrangeiro» significa «estranho» e «desconhecido», explica a frase.

GRUPO II

1 No texto pode ler-se: «Acho que foi isto mais ou menos que eu entendi de tudo.» (I. 4)**1.1** Identifica a subclasse a que pertencem os verbos sublinhados na frase.

1.2 Identifica o tempo, o modo e a pessoa em que estão as formas verbais sublinhadas.

1.3 Reescreve a frase alterando-a para os tempos e modos pedidos.

(A) Acho que _____ (*presente do indicativo*) isto mais ou menos que eu _____ (*presente do indicativo*) de tudo.

(B) Acho que _____ (*pretérito perfeito do indicativo*) isto mais ou menos que eu _____ (*pretérito perfeito do indicativo*) de tudo.

(C) Acho que _____ (*pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo*) isto mais ou menos que eu _____ (*pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo*) de tudo.

2 Reescreve as frases substituindo as palavras sublinhadas pelos elementos a que se referem.

(A) «... como ela tantas vezes repetia.» (l. 17)

(B) «Mas talvez fosse melhor fazeres-lhe [...] mais companhia.» (ll. 23-24)

(C) «Podias lá passar a tarde.» (l. 32)

3 Reescreve as frases, substituindo as palavras ou expressões sublinhadas pelo pronome pessoal correspondente.

(A) «... a gente olhava [...] para os espiões...» (l. 33)

(B) «... que liam A Bola e falavam da lesão do Alves...» (ll. 33-34)

(C) «... penduravam a roupa lavada durante a manhã» (ll. 34-35)

4 Identifica a função sintática desempenhada pelas palavras ou expressões sublinhadas.

(A) «... pergunta-lhe se ela não quer antes vir cá.» (l. 36)

(B) «As saudades que eu tenho do meu bibe...» (l. 37)

(C) «... foi forçado o meu sorriso para a Rita...» (l. 38)

Tendo em conta as informações que ela nos dá no excerto (o facto de a Rita não lhe ter dito nada sobre o divórcio dos pais; como se sentiu em casa da amiga agora que sabia o que estava a acontecer), escreve a possível conversa entre as duas amigas.

- Não te esqueças de utilizar os dados que conheces da história;
- Faz uma introdução ao diálogo;
- Segue as regras de escrita do diálogo;
- Escreve, no mínimo, duas falas para cada personagem;
- Escreve uma conclusão do diálogo;
- O texto deve ter entre 80 e 140 palavras.

1. Considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco (Exemplo: «Inscreve-te até às 18h30» contém quatro palavras).
2. Se o teu texto tiver:
 - menos de 80 palavras ou mais de 140 palavras, terá uma desvalorização até dois pontos;
 - menos de 30 palavras, será classificado com 0 (zero) pontos.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Ficha de avaliação 2 A

GRUPO I

Parte A

Lê o seguinte texto.

Com esta exposição, a palavra «cavaquinho» passa a estar na cabeça das pessoas

Setenta artistas plásticos deram novo rosto a 70 cavaquinhos. Exposição inaugurada hoje no Mosteiro dos Jerónimos abre amanhã ao público.

A ideia nasceu de uma colagem. Júlio Pereira, músico e presidente da Associação Cultural e Museu Cavaquinho, encantou-se com uma imagem e fez uma experiência com computador: «Um dia vi uma fotografia de uma instalação do Pedro Cabrita Reis, achei graça e coloquei no tampo de um cavaquinho. Enviei-lhe um *e-mail* com a montagem e pedi-lhe que me dissesse se gostava. E se queria apadrinhar a associação. Ele disse logo: "boa, força, muito giro". A seguir fui ter com o Julião Sarmento e o Júlio Pomar — tinha feito montagens idênticas com obras deles — e estes foram os três primeiros artistas plásticos a apoiar a associação.»

Depois, com a mesma técnica, montagem por computador, foi ter com mais alguns artistas, uns mais e outros menos conhecidos: Eurico Gonçalves, José de Guimarães, Isabel Sabino, Carlos Delgado, Elisabete Ferreira, João Manuel Oliveira. Todos receberam a ideia de braços abertos. «Mas não era ainda a coisa física, usando o próprio cavaquinho como suporte. A partir daí é que tivemos a ideia de fazer este convite.» Responderam «sim» muitos artistas plásticos e é o resultado do seu trabalho que agora surge exposto sob o título «70 cavaquinhos, 70 artistas». Foi um número possível, até para não tornar a exposição difícil de transportar. Mas Júlio Pereira diz que, posto o projeto em marcha, ainda continua a receber novas mensagens de artistas plásticos a quererem participar.

«Qual é o objetivo disto? A associação tem trabalhado nos bastidores desde o princípio e tem uma dificuldade: a ausência de fontes de financiamento. Esta iniciativa é um bom pretexto para dar visibilidade aos nossos objetivos. Com esta exposição mediática, e a nível nacional, a palavra «cavaquinho» passa a estar na cabeça das pessoas.» Porque há, no trabalho da associação, muitas coisas para fazer. «Há o trabalho musicológico, antropológico, histórico, mas também pode haver outras coisas, como esta, que criam visibilidade ao andarem pelo País.»

Apresentada ao público em janeiro deste ano, a Associação Cultural e Museu Cavaquinho está já a fazer, em parceria com a Direção-Geral do Património Cultural, o levantamento sistemático (documental e fotográfico) dos construtores tradicionais de cavaquinhos, das suas práticas e da sua sabedoria. Quanto à presente exposição, só possível com a oferta de cavaquinhos por parte de várias fábricas e oficinas, ficará no Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa, de 28 de novembro até 25 de janeiro (a inauguração oficial é esta quinta-feira, embora só abra ao público amanhã). Depois, como foram estabelecidos protocolos com dez

câmaras de municípios «que tivessem a ver com a prática do cavaquinho», circulará pelo País. De janeiro a março estará em Braga e depois seguirá para o Porto. «Guimarães e Viana do Castelo também já calendarizaram.»

- 35 A par da exposição, itinerante, foi editado pela associação um álbum com a reprodução dos 70 cavaquinhos, em cujo prefácio Júlio Pereira escreveu: «Esperamos com este acontecimento, e junto das populações, contribuir para a divulgação deste singelo cordofone que o tempo e a história transformaram num radioso instrumento andarilho.» Júlio Pomar inscreveu no livro um verso original seu, com o cavaquinho por mote. Pedro Cabrita Reis
- 40 deixou esta frase singela: «Nunca chegarás a ser alguém se não te dedicares a enriquecer a Terra»; Julião Sarmento preferiu deixar a «voz» à força das imagens: «... e portanto fico calado, tal como manda o provérbio, porque o que eu teria eventualmente para dizer não é, com certeza absoluta, mais importante do que o silêncio... ou do que o som de um cavaquinho.» Tocado ou pintado, como se vê.

NUNO PACHECO, in *Jornal Público*, 27/11/2014

Disponível em <https://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/com-esta-exposicao-a-palavra-cavaquinho-passa-a-estar-na-cabeca-das-pessoas-1677576> (consultado em 11/11/2016).

1 Seleciona a opção que completa corretamente cada frase.

- I. Este texto tem características de...
- ☐ (A) ... uma entrevista.
 - ☐ (B) ... um conto.
 - ☐ (C) ... uma notícia.
 - ☐ (D) ... um diário.
- II. O acontecimento descrito no texto relaciona-se com...
- ☐ (A) ... um encontro de tocadores de cavaquinho.
 - ☐ (B) ... um encontro de pintores de cavaquinhos.
 - ☐ (C) ... uma exposição de instrumentos tradicionais.
 - ☐ (D) ... uma exposição de cavaquinhos pintados.
- III. O objetivo do evento foi...
- ☐ (A) ... arranjar financiamento e dar a conhecer uma associação.
 - ☐ (B) ... aumentar a venda de cavaquinhos.
 - ☐ (C) ... tornar o cavaquinho um instrumento popular.
 - ☐ (D) ... tornar mais baratos os cavaquinhos.
- IV. As palavras do título do texto são de...
- ☐ (A) ... Nuno Pacheco.
 - ☐ (B) ... Pedro Cabrita Reis.
 - ☐ (C) ... Júlio Pomar.
 - ☐ (D) ... Júlio Pereira.

- 2** Associa cada nome da Coluna A ao elemento da Coluna B que com ele se relaciona, de acordo com a informação do texto.

Coluna A	Coluna B
(A) Nuno Pacheco. ☐	1. Exposição de cavaquinhos.
(B) Júlio Pereira. ☐	2. Nascimento da associação cultural.
(C) Pedro Cabrita Reis. ☐	3. Redação do texto.
(D) Janeiro. ☐	4. Viagem da exposição.
(E) Lisboa. ☐	5. Poesia nos cavaquinhos.

- 3** No texto pode ler-se: «Todos receberam a ideia de braços abertos» (ll. 11-12)

3.1 Identifica o recurso expressivo presente na frase acima.

3.2 Assinala o provérbio que melhor traduz a ideia contida na seguinte frase:
«...Julião Sarmento preferiu deixar a "voz" à força das imagens...»

- ☐ (A) Devagar se vai ao longe.
☐ (B) Uma imagem vale mais do que mil palavras.

Parte B

Lê agora o texto seguinte.

Queria dizer muitas coisas ao meu pai

A mãe e eu fomos visitar o pai ao hospital. [...]

Sáímos de manhã e fomos a pé pouco tempo porque a mãe do Martinho deu-nos boleia.

Encontrámos o pai, depois de termos passado por corredores compridos, estendido
 5 numa cama de ferro, muito bem pintada de branco, com rodas no fundo. Não estava sozinho, a enfermaria estava cheia de doentes, todos vestidos com pijamas cor de tijolo.

— Olá — disse o pai, contente por nos ver.

— Está melhor? — perguntei.

10 Depois arrependi-me, era uma pergunta tola. E ele:

— Breve vou para casa, vais ver!

Pôs-me a mão esquerda sobre os cabelos e eu senti que a sua pele estava diferente: era muito mais macia. Reparei que tinha na mão direita um penso por onde saía um tubo estreito, ligado a uma garrafa presa nas grades da cabeceira da cama.

- 15 — O que é isso?
 — Soro.
 — Dói?
 — Não dói nada.

Mudámos rapidamente de conversa. O pai quis saber tudo. Perguntou pelos animais, quis saber se as pencas já nasciam nos talhos, se os texugos não andavam a arrombar as presas de água, se o milho crescia bem, se os gaios não tinham comido as cerejas todas... [...]

Quería dizer muitas coisas ao meu pai. Quería dizer-lhe que ele fazia falta em casa, que os testes de avaliação estavam a correr bem, que não podia trabalhar mais, que andava cansado e cheio de sono.

Quería contar-lhe que o Jacinto tinha pegado no cavaquinho, que a mãe andava a comer pouco, que se levantava de noite e ia regar o milho para não o deixar secar.

Quería dizer-lhe muito baixinho que gosto muito dele, que me apetecia abraçá-lo com força, mas que aquela garrafa me impedia de o fazer.

30 E não disse nada. Meio confuso, ali fiquei plantado, a olhar para as camas, para os pijamas, para as mesas de cabeceira atestadas de fruta. [...]

— Pedro, como está o cavaquinho? — perguntou o meu pai.

— Ainda tem as cordas todas.

— Vê que o Jacinto não o estrague. Quando sair daqui, vou ensinar-te a tocá-lo.

35 Queres?

Acenei com a cabeça.

ANTÓNIO MOTA, *Pedro Alecrim*, 13.^a edição, Edições Gailivro, 2005 (com supressões).

1 No excerto é possível identificar quatro partes. Completa o quadro com palavras tuas.

Delimitação das partes	Síntese
(A) linhas 1-7	
(B) linhas 8-22	
(C) linhas 23-29	
(D) linhas 32-36	

1.1 Atribui um título sugestivo a cada parte.

(A) _____

(B) _____

(C) _____

(D) _____

2 Como era o espaço onde se encontrava o pai do narrador?

3 Como estava o pai do narrador?

4 Pedro arrependeu-se da sua primeira fala. Estás de acordo com ele?

5 O que desejou saber o pai do narrador?

6 Em três parágrafos são descritas as coisas que o Pedro gostaria de dizer ao pai.
(II. 23-29) Associa as informações da Coluna A aos dados apresentados na Coluna B,
de acordo com o texto.

Coluna A	
(A) 14.º parágrafo	☐
(B) 15.º parágrafo	☐
(C) 16.º parágrafo	☐

Coluna B	
1. Aspectos psicológicos e afetivos.	
2. Aspectos escolares e físicos.	
3. Aspectos familiares.	

6.1 Justifica as associações que fizeste.

6.2 Qual é o recurso expressivo utilizado para a apresentação dos aspetos referidos na coluna B?

GRUPO II

1 Coloca por ordem alfabética as palavras do quadro.

quis • perguntou • pai • cama • soro • há • tempo • tomar • pintada • pijamas

2 Classifica as palavras: «conversa», «animais» e «câmaras» quanto à acentuação.

3 No texto pode ler-se: «Breve vou para casa, vais ver!» (I. 11)

3.1 Identifica a classe a que pertence cada palavra.

3.2 Em vez de «breve», poder-se-ia usar o advérbio correspondente. Qual é esse advérbio?

- 4 Retira dos diálogos entre o pai e o filho uma frase do tipo exclamativo e uma frase do tipo declarativo.

- 5 Completa o quadro seguinte, de acordo com o exemplo.

	reparei	nasciam	tinham comido	queres
Tempo	Pretérito perfeito			
Modo	Indicativo			
Pessoa	1. ^a pessoa singular			

- 6 Identifica o complemento oblíquo nas frases seguintes.

(A) A mãe e eu fomos ao hospital.

(B) Breve vou para casa, vais ver!

(C) Mudámos rapidamente de conversa.

(D) Bati com a cabeça.

GRUPO III

No texto B, lemos uma conversa entre o filho e o pai, internado no hospital. No fim, fica uma promessa do pai.

Relembrando o que leste deste livro, sabes qual foi o desfecho. Mas imagina que o pai do Pedro recuperava e regressava a casa para cumprir a promessa.

Num texto bem organizado, reconta a história do Pedro a partir desse momento.

Tem em atenção as seguintes orientações:

- Não te esqueças de utilizar os dados que conheces da história;
- Faz uma descrição;
- Introduce momentos de diálogo;
- Escreve a conclusão ou desfecho da história;
- O texto deve ter entre 120 e 180 palavras.

Observações:

1. Considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco (Exemplo: «Inscribe-te até às 18h30» contém quatro palavras).
2. Se o teu texto tiver:
 - menos de 120 palavras ou mais de 180 palavras, terá uma desvalorização até dois pontos;
 - menos de 40 palavras, será classificado com 0 (zero) pontos.

Ficha de avaliação 2 B

GRUPO I

Parte A

Lê o seguinte texto.

O cavaquinho

O cavaquinho é o mais popular dos instrumentos de cordas portuguesas e também de mais reduzidas dimensões: não excede os 50 cm de comprimento e tem quatro cordas.

É no Minho que ele aparece como espécie tipicamente popular, ligado às formas essenciais da música característica dessa província e tem carácter exclusiva e acentuadamente lúdico e festivo.

Toca-se geralmente de «rasgado», como instrumento harmónico para acompanhamento de cantares e danças, ou associado à viola e outros instrumentos. Na região, o cavaquinho alterna com a rabeca chuleira as funções de instrumento agudo, com o seu tom vibrante e saltitante, próprio para acompanhar «viras», «chulas», «canas-verdes» e «malhões».

Uma outra técnica de tocar o cavaquinho é o «ponteadado», onde o seu executante sola simplesmente a melodia.

Da região de Braga terá sido levado para as ilhas da Madeira e dos Açores. Da Madeira, o Braguinha, como lá é conhecido, terá acompanhado os emigrantes do século XIX para as ilhas Havaí, onde logo se popularizou com o nome de *ukulele*, que quer dizer «pulga saltadora».

O cavaquinho existe também no Brasil, onde tem uma grande popularidade, em Cabo-Verde e na Indonésia. O cavaquinho é um cordofone com origem, talvez, nos tetracórdios helénicos, com quatro cordas e diversas afinações que dependem da música e do músico. Em Portugal, existem dois tipos de cavaquinhos, embora possamos incluir um terceiro, bastante raro, o cavaquinho do sul, também conhecido por guitarrinho, instrumento de luxo, sempre bem decorado com madrepérolas.

<http://www.jose-lucio.com/0%20Cavaquinho/Cavaquinho.htm>
(consultado em 19/02/2017)

1 Assinala, de 1.1 a 1.4, a opção que completa cada frase, de acordo com o sentido do texto.

1.1 Este texto é...

- ☐ (A) ... um texto descritivo.
- ☐ (B) ... um texto poético.
- ☐ (C) ... um texto informativo.
- ☐ (D) ... um diário.

1.2 «Rasgado» e «ponteado» são...

- ☐ (A) ... outros nomes que se dão ao cavaquinho.
☐ (B) ... nomes dos tocadores de cavaquinho.
☐ (C) ... nomes das danças acompanhadas pelo cavaquinho.
☐ (D) ... técnicas de tocar cavaquinho.

1.3 Da região de Braga, o cavaquinho terá sido levado para...

- ☐ (A) ... a Madeira e os Açores.
☐ (B) ... as ilhas Havai.
☐ (C) ... Angola.
☐ (D) ... a Índia.

1.4 1.4 O cavaquinho tem...

- ☐ (A) ... duas cordas.
☐ (B) ... três cordas.
☐ (C) ... cinco cordas.
☐ (D) ... quatro cordas.

2 Associa os nomes da coluna A ao elemento da coluna B que se relaciona com cada um deles, de acordo com a informação do texto.

Coluna A	
(A) Cavaquinho.	☐
(B) Braguinha.	☐
(C) Guitarrilho.	☐
(D) Ukulele.	☐
(E) Viola.	☐

Coluna B
1. Instrumento que, no Minho, acompanha o cavaquinho.
2. Pulga saltadora.
3. Cordofone.
4. Cavaquinho do sul.
5. Rabeca chuleira.
6. Viola.
7. Nome por que é conhecido na Madeira.

3 Identifica o recurso expressivo presente na frase: O cavaquinho é próprio para acompanhar viras, chulas, canas-verdes e malhões.

Lê agora o texto seguinte.

Queria dizer muitas coisas ao meu pai

A mãe e eu fomos visitar o pai ao hospital. [...]

Sáímos de manhã e fomos a pé pouco tempo porque a mãe do Martinho deu-nos boleia.

Encontrámos o pai, depois de termos passado por corredores compridos, estendido
5 numa cama de ferro, muito bem pintada de branco, com rodas no fundo. Não estava sozinho, a enfermaria estava cheia de doentes, todos vestidos com pijamas cor de tijolo.

— Olá — disse o pai, contente por nos ver.

— Está melhor? — perguntei.

10 Depois arrependi-me, era uma pergunta tola. E ele:

— Breve vou para casa, vais ver!

Pôs-me a mão esquerda sobre os cabelos e eu senti que a sua pele estava diferente: era muito mais macia. Reparei que tinha na mão direita um penso por onde saía um tubo estreito, ligado a uma garrafa presa nas grades da cabeceira da cama.

15 — O que é isso?

— Soro.

— Dói?

— Não dói nada.

Mudámos rapidamente de conversa. O pai quis saber tudo. Perguntou pelos animais,
20 quis saber se as pencas já nasciam nos talhos, se os texugos não andavam a arrombar as presas de água, se o milho crescia bem, se os gaios não tinham comido as cerejas todas... [...]

Queria dizer muitas coisas ao meu pai. Queria dizer-lhe que ele fazia falta em casa, que os testes de avaliação estavam a correr bem, que não podia trabalhar mais, que
25 andava cansado e cheio de sono.

Queria contar-lhe que o Jacinto tinha pegado no cavaquinho, que a mãe andava a comer pouco, que se levantava de noite e ia regar o milho para não o deixar secar.

Queria dizer-lhe muito baixinho que gosto muito dele, que me apetecia abraçá-lo com força, mas que aquela garrafa me impedia de o fazer.

30 E não disse nada. Meio confuso, ali fiquei plantado, a olhar para as camas, para os pijamas, para as mesas de cabeceira atestadas de fruta. [...]

— Pedro, como está o cavaquinho? — perguntou o meu pai.

— Ainda tem as cordas todas.

— Vê que o Jacinto não o estrague. Quando sair daqui, vou ensinar-te a tocá-lo.

35 Queres?

Acenei com a cabeça.

ANTÓNIO MOTA, *Pedro Alecrim*, 13.ª edição, Edições Gailivro, 2005 (com supressões).

- 1** No excerto é possível identificar quatro partes. Completa o quadro com palavras tuas.

Delimitação das partes	Síntese
(A) linhas 1-7	
(B) linhas 8-22	
(C) linhas 23-29	
(D) linhas 32-36	

1.1 Atribui um título sugestivo a cada parte.

- (A) _____
- (B) _____
- (C) _____
- (D) _____

- 2** Quem é o narrador deste excerto?

- 3** Como era o espaço onde se encontrava o pai do narrador?

- 4** Como estava o pai do narrador?

- 5** O narrador diz, a dada altura, que «O pai quis saber tudo.» Diz o que quis saber ele.

- 6** Em três parágrafos são descritas as coisas que o Pedro gostaria de dizer ao pai. (II. 23-29)

6.1 Associa as informações da Coluna A aos aspetos apresentados na Coluna B, de acordo com o texto.

Coluna A	
(A) 14.º parágrafo	☐
(B) 15.º parágrafo	☐
(C) 16.º parágrafo	☐

Coluna B
1. Aspetos psicológicos e afetivos.
2. Aspetos escolares e físicos.
3. Aspetos familiares.

6.2 Qual é o recurso expressivo utilizado para a apresentação dos diversos aspetos?

- ☐ (A) Comparação.
☐ (B) Onomatopeia.
☐ (C) Enumeração.

GRUPO II

1 Coloca por ordem alfabética as palavras do quadro.

quis • perguntou • pai • cama • soro • há • tempo • tomar • pintada • pijamas

2 Classifica as palavras: «conversa», «animais» e «câmaras» quanto à acentuação.

Esdrúxula: _____; Grave: _____; Aguda: _____.

3 No texto pode ler-se: «Breve vou para casa, vais ver!» (l. 11)

3.1 Coloca cada palavra no espaço correspondente à classe a que pertence.

Nome	Verbos	Preposição	Adjetivo

3.2 Em vez de «breve», poder-se-ia usar o advérbio correspondente. Escreve-o.

4 Classifica as duas frases de acordo com o seu tipo e forma.

Frase	Tipo	Forma
— Breve vou para casa, vais ver! (l. 11)		
— Não dói nada. (l. 18)		

5 Completa o quadro seguinte, de acordo com o exemplo.

	Reparei	Nasciam	Tinham comido	Queres
Tempo	Pretérito perfeito			
Modo	Indicativo			
Pessoa	1. ^a pessoa singular			

6 Identifica o complemento oblíquo nas frases seguintes.

- (A) A mãe e eu fomos ao hospital.
- (B) Breve vou para casa, vais ver!
- (C) Mudámos rapidamente de conversa.
- (D) Bati com a cabeça.

GRUPO III

No texto B, lemos uma conversa entre o filho e o pai, internado no hospital. No fim, fica uma promessa do pai.

Relembrando o que leste deste livro, sabes qual foi o desfecho. Mas imagina que o pai do Pedro recuperava e regressava a casa para cumprir a promessa.

Num texto bem organizado, reconta a história do Pedro a partir desse momento.

Tem em atenção as seguintes orientações:

- Não te esqueças de utilizar os dados que conheces da história;
- Faz uma descrição;
- Introduce momentos de diálogo;
- Escreve a conclusão ou desfecho da história;
- O texto deve ter entre 80 e 130 palavras.

Observações:

1. Considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco (Exemplo: «Inscreve-te até às 18h30» contém quatro palavras).
2. Se o teu texto tiver:
 - menos de 80 palavras ou mais de 130 palavras, terá uma desvalorização até dois pontos;
 - menos de 30 palavras, será classificado com 0 (zero) pontos.

This image shows a blank sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Ficha de avaliação 3 A

GRUPO I

Parte A

Lê atentamente o texto e responde, de forma clara e objetiva, às questões que te são propostas.

O teatro

Eu gosto muito de sair à noite, mas não o faço muitas vezes, porque o papá e a mamã não me deixam, exceto uma vez em que o papá me levou ao cinema, e uma outra vez, no fim do ano, quando fomos a casa do senhor e da senhora Blédurt, que são os nossos vizinhos. E também estava contente por ir contar aos meus amigos. O único que foi uma vez
5 ao teatro é o Godofredo, já há montes de tempo, o ano passado, e chateou-nos durante o dia inteiro, que ele é que ia ao teatro e nós não. Ele fazia isso para que ficássemos invejosos, mas nós, como é lógico, não fomos na conversa, e nesse dia quando voltei para casa, foi um sarilho, porque eu perguntei ao papá porque é que toda a gente podia sair à noite e ir ao teatro, e eu não, que não era justo, e o papá zangou-se, disse que eu lhe chagava o
10 juízo, e fiquei sem sobremesa.

— Eh, pessoal! — gritei eu ao entrar no pátio da escola. — Esta noite vou ao teatro!

— Não é verdade! — disse o Godofredo.

— É verdade, sim, senhor! — gritei eu. — O meu tio, o explorador, aquele que está sempre a viajar, convidou-me! Vamos ver uma opereta!

15 — Uma opereta? O que é isso? — perguntou o Rufus.

— Ora, é teatro. — disse eu. — Um teatro bem giro.

— Eu sei o que é — disse o Clotário —, já vi na televisão. É uma coisa em que toda a gente canta, e o papá desliga a televisão, porque não gosta.

— Era o que eu pensava — disse o Godofredo. — Não é teatro a sério.

20 — Ah, isso é que é! — berrei eu. — É teatro a sério!

GOSGINNY E SEMPÉ, *O balão do Menino Nicolau e outras histórias*, Teorema, 2009.

1

Assinala a opção correta, de acordo com o sentido do texto.

I. Naquela noite, o menino Nicolau ia...

☐

(A) ... ao cinema.

☐

(B) ... ao teatro.

☐

(C) ... a casa do senhor e da senhora Blédurt.

II. O Godofredo...

☐

(A) ... nunca foi ao teatro.

☐

(B) ... vai frequentemente ao teatro.

☐

(C) ... é o único que já foi ao teatro.

- III. O Godofredo insistia que era o único a ir ao teatro, para...
- ☐ (A) ... fazer inveja aos seus colegas.
- ☐ (B) ... mostrar que era um rapaz culto.
- ☐ (C) ... incentivar os seus colegas a fazerem o mesmo.
- IV. Com a utilização da expressão «foi um sarilho» (l. 8), o menino Nicolau refere...
- ☐ (A) ... a calma com que o seu papá aceitou as suas reclamações.
- ☐ (B) ... o entusiasmo com que recebeu o convite do seu tio.
- ☐ (C) ... a confusão que se instalou em sua casa, à noite.
- V. Para o menino Nicolau, ir ao teatro é...
- ☐ (A) ... um aborrecimento.
- ☐ (B) ... um acontecimento importante.
- ☐ (C) ... como ver televisão.

2 Ao entrar no pátio da escola, o narrador conta aos seus amigos que vai ao teatro com o seu tio. Só que nem todos sabiam o que era uma opereta. Identifica a personagem que...

a) ... sabia o que era uma opereta.

b) ... não sabia o que era uma opereta.

Parte B

Lê atentamente o texto dramático que se segue.

Lembranças

Cena I

Sótão.

Meio da tarde.

Dia de tempestade. A chuva bate furiosamente na janela, o vento agita as cortinas.

O ruído do mar embravecido ao fundo.

⁵ *O gemido da ronca.*

Quando se abre o pano, Manuel e Ana estão de pé, em silêncio, olhando pela janela.

Água caindo pelas vidraças.

O «espaço do quarto» está invisível (negro).

Ana — *(De costas, diante da janela)* — Que tempestade! Se algum barco sai hoje ao mar, afunda-se!

¹⁰ **Manuel** — *(Também de costas)* — Os barcos hoje não saem. O mar está muito bravo...

Ana — O mar e a terra...

Manuel — E o céu, e o céu também... Vem aí uma trovoadada...

Ana — Uma trovoadada? Deus nos livre! Não dês azar!

¹⁵ **Manuel** — *(Volta-se para Ana, erguendo os braços ameaçadoramente)* — Brrrrrrrummm!...

Ana — *(Recua, assustada)* — Não sejas palerma! Assustaste-me...

Manuel — *(Rindo)* — Não me digas que tens medo de trovoadas...

Ana — E tu não tens? Palermo...

Manuel — *(Dá-lhe a mão)* — Pronto, Ana, desculpa! — *(Ainda a rir)* — Eu não trovejo
20 mais...

Um trovão lá fora.

Ana e Manuel estacam, assustados.

Manuel — Eu não te dizia?

Ana puxa Manuel para o centro da cena.

25 **Ana** — Sai da janela! Pode cair algum raio!

Manuel — Ora, um raio! Os raios caem no mar!

Ana senta-se num banco.

Manuel vai sentar-se numa cadeira. A cadeira tem uma perna partida e Manuel quase se desequilibra.

30 **Ana** — *(Rindo alto)* — Ah, ah! Os raios a cair no mar e tu a cair no chão...

Manuel muda de cadeira e vem sentar-se ao lado de Ana.

Manuel — *(Voltando-se para a janela)* — Lembras-te do naufrágio? Foi num dia de tempestade assim...

Ana — Não fales nisso... É triste... — *(Olha em volta, procurando mudar de assunto)*

35 — As coisas que a tua mãe aqui guarda! — *(Pega numa boneca semidesfeita)* — Não me digas que tu também brincavas com bonecas!

Manuel — *(Sem tirar os olhos da janela)* — Foi no dia em que fomos despedir-nos do meu pai... Chovia e trovejava... Como agora...

Ana levanta-se e anda de um lado para o outro, mirando as coisas espalhadas no sótão,
40 *até que se detém diante da arca. Lá fora, um cão ladra furiosamente.*

MANUEL ANTÓNIO PINA, *Os piratas*, Porto, Porto Editora, 2015.

1 Preenche o quadro com as informações do texto.

Autor	
Título	
Editor	
Ano de edição	
Modo literário	

2 Quantos atores seriam necessários para representar a cena transcrita? Justifica.

3 Enumera os adereços necessários para a representação desta cena.

- 4** Assinala com X o tipo de informação contida em cada uma das indicações cénicas que se seguem.

Indicações cénicas	Informações	
	Gestos dos atores	Cenário
(A) <i>Quando se abre o pano, Manuel e Ana estão de pé, em silêncio, olhando pela janela.</i> (l. 6)		
(B) <i>O «espaço do quarto» está invisível (negro).</i> (l. 8)		
(C) <i>(Volta-se para Ana, erguendo os braços ameaçadoramente)</i> (l. 15)		
(D) <i>(Recua, assustada)</i> (l. 17)		
(E) <i>(Dá-lhe a mão)</i> (l. 20)		
(F) <i>A cadeira tem uma perna partida e Manuel quase se desequilibra.</i> (ll. 29-30)		
(G) <i>(Pega numa boneca semidesfeita)</i> (l. 36)		

- 5** Localiza a ação no espaço.
-

- 6** Transcreve do texto uma indicação cénica que informe sobre o momento em que decorre a ação.
-

- 7** Que relação havia entre as personagens Manuel e Ana?
-

- 8** Classifica a palavra «Brrrrrrrummm!...» (l. 15) quanto ao seu processo de formação.
-

8.1 Explica a utilização deste recurso expressivo.

- 9** A partir das indicações cénicas, caracteriza o ambiente atmosférico ao longo de toda a cena.
-

9.1 Que relação podemos estabelecer entre a natureza e o estado de espírito da Ana?

- 10** Interpreta a última intervenção da Ana.
-

1 No texto pode ler-se «Não me digas que tens medo de trovoadas...» (l. 18).**1.1** Classifica sintaticamente as palavras e expressões sublinhadas na frase.

1.2 Reescreve a frase, substituindo a expressão «que tens medo de trovoadas» por um pronome demonstrativo.

2 Forma um adjetivo e um verbo a partir de cada uma das palavras do quadro.

	Adjetivo	Verbo
Tarde		
Chuva		

3 Identifica o tempo e o modo de cada forma verbal e o respetivo verbo.**(A)** «bate» (l. 3) _____**(B)** «olhando» (l. 6) _____**(C)** «dês» (l. 14) _____**(D)** «dizia» (l. 24) _____**(E)** «Sai» (l. 26) _____**(F)** «cair» (l. 26) _____**4 Classifica, quanto ao tipo e quanto à forma, as frases que se seguem.**

Frase	Tipo	Forma
(A) «Que tempestade!» (l. 9)		
(B) «Os barcos hoje não saem.» (l. 11)		
(C) «Lembras-te do naufrágio?» (l. 33)		
(D) «Não fales nisso...» (l. 35)		

5 Relê o excerto do texto que se segue e transforma-o em discurso indireto.*Ana puxa Manuel para o centro da cena.***ANA** — Sai da janela! Pode cair algum raio!**MANUEL** — [...] Os raios caem no mar!*Começa por: Puxando Manuel para o centro da cena, Ana ordenou-lhe que*

Ficha de avaliação 3 B

GRUPO I

Parte A

Lê atentamente o texto e responde, de forma clara e objetiva, às questões que te são propostas.

O teatro

Eu gosto muito de sair à noite, mas não o faço muitas vezes, porque o papá e a mamã não me deixam, exceto uma vez em que o papá me levou ao cinema, e uma outra vez, no fim do ano, quando fomos a casa do senhor e da senhora Blédurt, que são os nossos vizinhos. E também estava contente por ir contar aos meus amigos. O único que foi uma vez
5 ao teatro é o Godofredo, já há montes de tempo, o ano passado, e chateou-nos durante o dia inteiro, que ele é que ia ao teatro e nós não. Ele fazia isso para que ficássemos invejosos, mas nós, como é lógico, não fomos na conversa, e nesse dia quando voltei para casa, foi um sarilho, porque eu perguntei ao papá porque é que toda a gente podia sair à noite e ir ao teatro, e eu não, que não era justo, e o papá zangou-se, disse que eu lhe chagava o
10 juízo, e fiquei sem sobremesa.

— Eh, pessoal! — gritei eu ao entrar no pátio da escola. — Esta noite vou ao teatro!

— Não é verdade! — disse o Godofredo.

— É verdade, sim, senhor! — gritei eu. — O meu tio, o explorador, aquele que está sempre a viajar, convidou-me! Vamos ver uma opereta!

15 — Uma opereta? O que é isso? — perguntou o Rufus.

— Ora, é teatro. — disse eu. — Um teatro bem giro.

— Eu sei o que é — disse o Clotário —, já vi na televisão. É uma coisa em que toda a gente canta, e o papá desliga a televisão, porque não gosta.

— Era o que eu pensava — disse o Godofredo. — Não é teatro a sério.

20 — Ah, isso é que é! — berrei eu. — É teatro a sério!

GOSCINNY E SEMPÉ, *O balão do Menino Nicolau e outras histórias*, Teorema, 2009.

1

Assinala a opção correta, de acordo com o sentido do texto.

I. Naquela noite, o menino Nicolau ia...

☐

(A) ... ao cinema.

☐

(B) ... ao teatro.

☐

(C) ... a casa do senhor e da senhora Blédurt.

II. O Godofredo...

☐

(A) ... nunca foi ao teatro.

☐

(B) ... vai frequentemente ao teatro.

☐

(C) ... é o único que já foi ao teatro.

- III. O Godofredo insistia que era o único a ir ao teatro, para...
- ☐ (A) ... fazer inveja aos seus colegas.
- ☐ (B) ... mostrar que era um rapaz culto.
- ☐ (C) ... incentivar os seus colegas a fazerem o mesmo.
- IV. Com a utilização da expressão «foi um sarilho» (l. 8), o menino Nicolau refere...
- ☐ (A) ... a calma com que o seu papá aceitou as suas reclamações.
- ☐ (B) ... o entusiasmo com que recebeu o convite do seu tio.
- ☐ (C) ... a confusão que se instalou em sua casa, à noite.
- V. Para o menino Nicolau, ir ao teatro é...
- ☐ (A) ... um aborrecimento.
- ☐ (B) ... um acontecimento importante.
- ☐ (C) ... como ver televisão.

2 Ao entrar no pátio da escola, o narrador conta aos seus amigos que vai ao teatro com o seu tio. Só que nem todos sabiam o que era uma opereta. Identifica a personagem que...

a) ... sabia o que era uma opereta.

b) ... não sabia o que era uma opereta.

Parte B

Lê atentamente o texto dramático que se segue.

Lembranças

Cena I

Sótão.

Meio da tarde.

Dia de tempestade. A chuva bate furiosamente na janela, o vento agita as cortinas.

O ruído do mar embravecido ao fundo.

⁵ *O gemido da ronca.*

Quando se abre o pano, Manuel e Ana estão de pé, em silêncio, olhando pela janela.

Água caindo pelas vidraças.

O «espaço do quarto» está invisível (negro).

Ana — *(De costas, diante da janela)* — Que tempestade! Se algum barco sai hoje ao mar, afunda-se!

¹⁰ **Manuel** — *(Também de costas)* — Os barcos hoje não saem. O mar está muito bravo...

Ana — O mar e a terra...

Manuel — E o céu, e o céu também... Vem aí uma trovoadada...

Ana — Uma trovoadada? Deus nos livre! Não dês azar!

¹⁵ **Manuel** — *(Volta-se para Ana, erguendo os braços ameaçadoramente)* — Brrrrrrrummm!...

Ana — *(Recua, assustada)* — Não sejas palerma! Assustaste-me...

Manuel — *(Rindo)* — Não me digas que tens medo de trovoadas...

Ana — E tu não tens? Palermo...

Manuel — *(Dá-lhe a mão)* — Pronto, Ana, desculpa! — *(Ainda a rir)* — Eu não trovejo
20 mais...

Um trovão lá fora.

Ana e Manuel estacam, assustados.

Manuel — Eu não te dizia?

Ana puxa Manuel para o centro da cena.

25 **Ana** — Sai da janela! Pode cair algum raio!

Manuel — Ora, um raio! Os raios caem no mar!

Ana senta-se num banco.

Manuel vai sentar-se numa cadeira. A cadeira tem uma perna partida e Manuel quase se desequilibra.

30 **Ana** — *(Rindo alto)* — Ah, ah! Os raios a cair no mar e tu a cair no chão...

Manuel muda de cadeira e vem sentar-se ao lado de Ana.

Manuel — *(Voltando-se para a janela)* — Lembras-te do naufrágio? Foi num dia de tempestade assim...

Ana — Não fales nisso... É triste... — *(Olha em volta, procurando mudar de assunto)*

35 — As coisas que a tua mãe aqui guarda! — *(Pega numa boneca semidesfeita)* — Não me digas que tu também brincavas com bonecas!

Manuel — *(Sem tirar os olhos da janela)* — Foi no dia em que fomos despedir-nos do meu pai... Chovia e trovejava... Como agora...

Ana levanta-se e anda de um lado para o outro, mirando as coisas espalhadas no sótão,
40 *até que se detém diante da arca. Lá fora, um cão ladra furiosamente.*

MANUEL ANTÓNIO PINA, *Os Piratas*. Porto: Porto Editora, 2015 (texto com supressões).

1 Preenche o quadro com as informações do texto.

Autor	
Título	
Editor	
Ano de edição	
Modo literário	

2 Quantos atores seriam necessários para representar a cena transcrita? Justifica.

- 3** Dos adereços apresentados, seleciona três que são necessários para a representação desta cena.

- ☐ (A) um computador
☐ (B) um banco
☐ (C) uma abóbora

- ☐ (D) duas cadeiras
☐ (E) uma moeda
☐ (F) uma boneca semidesfeita

- 4** Assinala com X o tipo de informação contida em cada uma das indicações cénicas que se seguem.

Indicações cénicas	Informações	
	Gestos dos atores	Cenário
(A) O «espaço do quarto» está invisível (negro). (l. 8)		
(B) (Recua, assustada) (l. 17)		
(C) A cadeira tem uma perna partida e Manuel quase se desequilibra. (ll. 29-30)		
(D) (Pega numa boneca semidesfeita) (l. 36)		

- 5** Assinala a opção que completa cada frase, de acordo com o sentido do texto.

I. A ação desta cena teatral localiza-se...

- ☐ (A) ... no sótão da casa do Manuel.
☐ (B) ... na cozinha da casa do Manuel.
☐ (C) ... na garagem da casa do Manuel.

II. A indicação cénica «Meio da tarde» (l. 2) transmite-nos informações sobre...

- ☐ (A) ... o tom de voz que Ana deve usar.
☐ (B) ... a entrada ou saída das personagens em cena.
☐ (C) ... o momento em que decorre a ação.

III. Manuel e Ana eram...

- ☐ (A) ... amigos. ☐ (B) ... inimigos. ☐ (C) ... desconhecidos.

IV. A partir das indicações cénicas iniciais, ficamos a saber que...

- ☐ (A) ... o ambiente atmosférico não tem qualquer importância na cena.
☐ (B) ... toda a cena acontece enquanto há uma grande tempestade.
☐ (C) ... a cena vai decorrer num ambiente calmo.

V. Através da onomatopeia «Brrrrrrrummm!...» (l. 15), Manuel reproduz o som de uma trovada, para...

- ☐ (A) ... mostrar o seu poder.
☐ (B) ... assustar a sua amiga Ana.
☐ (C) ... afugentar os gatos, que não se calavam.

VI. Ao recordar-se do naufrágio, Ana não quer falar de coisas tristes...

- ☐ (A) ... e põe-se a cantar, para afastar para longe toda a tristeza.
☐ (B) ... mas quer que Manuel conte o que sabe, para perceber o que aconteceu.
☐ (C) ... e tenta mudar o assunto da conversa, querendo saber o que está na arca.

1 No texto pode ler-se «Não me digas que tens medo de trovoadas...» (l. 18).

1.1 Completa as frases, riscando o que não interessa.

- (A) O pronome pessoal «me» desempenha a função sintática de **complemento indireto/complemento direto**.
 (B) A expressão «que tens medo de trovoadas» desempenha a função sintática de **complemento indireto/complemento direto**.

1.2 Identifica a alínea em que a substituição da expressão «que tens medo de trovoadas» por um pronome demonstrativo está feita corretamente.

- (A) «Não me digas **isso**...»
 (B) «Não me digas **esse**...»

2 Forma um adjetivo e um verbo a partir de cada uma das palavras do quadro.

	Adjetivo	Verbo
Tarde		
Chuva		

3 Identifica o tempo e o modo de cada forma verbal e o respetivo verbo.

- (A) «bate» (l. 3) _____
 (B) «dês» (l. 14) _____
 (C) «dizia» (l. 24) _____
 (D) «Sai» (l. 26) _____

4 Classifica, quanto ao tipo e quanto à forma, as frases que se seguem.

Frase	Tipo	Forma
(A) «Que tempestade!» (l. 9)		
(B) «Os barcos hoje não saem.» (l. 11)		
(C) «Lembras-te do naufrágio?» (l. 33)		
(D) «Não fales nisso...» (l. 35)		

5 Relê o excerto do texto que se segue e transforma-o em discurso indireto.

Começa por: *Puxando Manuel para o centro da cena, Ana ordenou-lhe que...*

Ana puxa Manuel para o centro da cena.

Ana — Sai da janela! Pode cair algum raio!

Manuel — [...] Os raios caem no mar!

Escreve um texto narrativo, com o mínimo de 80 e o máximo de 130 palavras, em que refiras uma ida tua ao teatro. Se nunca foste ao teatro, imagina-a.

- as circunstâncias em que ocorreu;
- a descrição do local;
- a peça a que assististe;
- a(s) pessoa(s) com quem foste;
- uma sequência breve de diálogo.
- escreve o texto na primeira pessoa e atribui-lhe um título, depois de o escreveres.

1. Considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco (Exemplo: «Inscreve-te até às 18h30» contém quatro palavras).
2. Se o teu texto tiver:
 - menos de 80 palavras ou mais de 130 palavras, terá uma desvalorização até dois pontos;
 - menos de 30 palavras, será classificado com 0 (zero) pontos.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Ficha de avaliação 4 A

GRUPO I

Parte A

Lê o texto com atenção.

Cerco de Troia

Nos seus barcos os gregos embarcaram para Troia pensando alegremente que iam ter uma vitória fácil e em breve regressariam ao lar. Mas quê? Seria esta uma luta que havia de durar dez anos. Dez anos sem os gregos verem a pátria, a família. A certa altura já ninguém sabia suportar a saudade, o esforço de manter um cerco durante tanto tempo. Aquilo não podia continuar assim!

Então Ulisses, que todos diziam ser o mais manhoso dos homens, pensou, pensou e teve uma ideia: construir um enorme, um gigantesco cavalo de pau, assente num estrado com rodas para se poder deslocar, e dentro do bojo, ou seja, da barriga desse cavalo, se esconderem alguns homens.

Mas para que seria este cavalo? Ulisses imaginou que os gregos deviam fingir que iam todos embora dali e deixar às portas de Troia o monumental cavalo sozinho... em ar de homenagem!

Depois de o construírem, assim fizeram. E levantaram as suas tendas de dez anos, cavalos verdadeiros, tudo. A pouco e pouco foram-se retirando e desapareceram ao longe nas colinas, na distância.

Os troianos viram aqueles preparativos de partida com imensa surpresa e sem perceberem nada do que estava a acontecer. Viram os gregos, depois de dez anos, a ir embora e a largar as suas portas. Mas como sabiam que eles não eram cobardes, ficaram desconfiados e atentos.

Passaram dois dias, três dias, quatro dias e os troianos convenceram-se então que os gregos tinham partido de verdade e não voltavam mais. Abriram muito devagarinho as portas da muralha, e qual não foi o seu espanto quando viram ali mesmo, parado, imponente, brilhando ao sol, um cavalo de pau! [...]

— Queima-se! — disseram uns. E os gregos lá dentro, ao ouvir isto, ficaram apavorados. — Destrói-se com os machados! — gritaram outros. E eles lá dentro...

Até que alguém se lembrou: — Não! É um cavalo muito bonito, e vamos oferecê-lo aos nossos deuses em agradecimento pela vitória que nos concederam, pois não há dúvida que os gregos desistiram de nos vencer depois de tantos anos e nos ofereceram este cavalo em ar de homenagem! [...]

Então os troianos arrastaram o cavalo para dentro das muralhas da cidade e colocaram-no na praça principal. [...]

Só lhes digo: foi a destruição completa desta cidade. Dizem que não ficou pedra sobre pedra...

1 Classifica cada uma das seguintes afirmações como verdadeira (V) ou falsa (F), de acordo com o texto.

- ☐ (A) A personagem principal do excerto é Ulisses.
- ☐ (B) Os gregos declararam guerra a Troia e por isso se dirigiram para lá.
- ☐ (C) Os gregos estavam cientes de que a guerra iria ser difícil e duradoura.
- ☐ (D) O cerco de Troia durou 12 anos.
- ☐ (E) Para pôr fim a esta situação, Ulisses inventou um cavalo de madeira, onde se esconderiam ele e alguns companheiros.
- ☐ (F) Os troianos não se surpreenderam com a partida dos gregos.
- ☐ (G) Os troianos não hesitaram em levar o cavalo de madeira para dentro das muralhas.
- ☐ (H) Os gregos arrasaram Troia, não ficando pedra sobre pedra.

2 Ordena as seguintes informações, de 1 a 6, de acordo com a ordem pela qual surgem no texto.

- ☐ (A) Transporte do cavalo de pau para dentro das muralhas da cidade.
- ☐ (B) Hesitação dos troianos quanto à oferta.
- ☐ (C) Destruição de Troia.
- ☐ (D) Embarque do exército grego para Troia.
- ☐ (E) Falsa retirada das tropas gregas.
- ☐ (F) Decisão por apressar o fim da guerra por causa das saudades da pátria.

Parte B

Lê agora o seguinte texto, sobre Ulisses, o «destruidor de Troia».

Ulisses, no palácio do rei Alcínoo

Ato I Cena II

(Abre-se o pano e enche-se o palco de luz. É um jantar de boas vindas, no palácio do rei Alcínoo. Uma sala grande, sem luxo, com uma mesa enorme, à volta da qual estão sentados a família real, os convidados e Ulisses, perto do rei, que está à cabeceira. Ouve-se música suave e um poeta-cantor narra o episódio do Cavalo de Troia, do qual
⁵ *Ulisses foi o inventor.)*

Demódoco — *(Com gestos teatrais e voz trágica)* — E assim, os gregos saíram do ventre enganador do Cavalo, presente traiçoeiro do inimigo, pela calada da noite. E, enquanto os troianos dormiam confiantes, os gregos mataram os guerreiros valentes, prenderam as mulheres indefesas e, pelo fogo, consumiram a grandeza da cidade de
¹⁰ Troia. Numa noite apenas, ruiu a glória de mil anos.

Alcínoo — *(Bate as palmas, acompanhado pela restante assistência. De seguida, faz um gesto, a impor silêncio.)* — Amigos, parece que as maravilhosas histórias do poeta Demódoco não alegram toda a gente. Reparo que o nosso convidado está comovido. — *(Virando-se para Ulisses)* — Poder-se-á saber porque estás entristecido,
¹⁵ honrado hóspede? Ou essas serão lágrimas de alegria?

Ulisses — (*Atrapalhado*) — Desculpa, grande rei Alcínoo. Não quero parecer ingrato, vertendo lágrimas enquanto a maravilhosa voz do poeta recita tão grandiosa história. — (*Virando-se para os presentes*) — Mas foram as lembranças dela que me traíram e, para que me compreendam, devo dizer-vos quem sou e os sofrimentos por que passámos, eu e os meus companheiros, que já não estão comigo. [...] (*Erguendo-se e falando com voz forte, para que todos o ouçam*) — Chamo-me Ulisses, filho de Laertes, e sou aquele que inventou o Cavalo de Troia, de que ouvistes a narração ainda agora. — (*Um burburinho e expressões de admiração correm por toda a sala*) — Sou de Ítaca, ilha pequena, árida e pobre, mas é a minha e não há nenhuma tão bela como a terra onde nascemos.

Aretê — É bem verdade o que dizes, divino Ulisses.

Ulisses — (*Virando-se para a rainha*) — Obrigado, senhora. — (*Virando-se para os outros*) — Como sabeis, quis o destino que eu e os meus homens nos encontrássemos na famosa e longa guerra contra os troianos. Se ela trouxe glória e poder a alguns, encheu de desgraça muitos mais. — (*Fazendo uma pausa*) — Ora, depois da guerra, parti de regresso à minha terra e família, com a pressa que dão as saudades da minha querida Penélope e do meu filho Telémaco, largado com um mês de idade e agora já um homem.

Alcínoo — Zeus te concederá a graça de os encontrares sãos e salvos, amigo.

Ulisses — (*Com voz triste*) — Assim queiram eles, grande rei, mas os deuses parece que têm inveja da felicidade dos homens. Repara como me fizeram andar perdido longos anos nesta viagem, depois que saímos de Troia. O caminho é breve e conhecido se a Sorte nos ajuda. Mas, quando os Fados são contrários, uma estrada curta fica imensa e nunca chega o fim da caminhada. — (*Faz uma pausa, pensativo*) — E que terríveis são as memórias que tenho. Só quem a vive compreende a desgraça de assistir à morte dos companheiros, trespassados pela lança, afogados nas ondas ou comidos por monstros cruéis. (*Ouvem-se sussurros pela sala, entre os convivas, comentando uns com os outros, aterrorizados.*)

Nausícaa — Amigos, silêncio, por favor. Deixai que se ouçam as penas do divino Ulisses, para que possamos consolá-lo, porque dizem que as alegrias divididas aumentam e as tristezas partilhadas diminuem. (*O ruído baixa, mas só acaba quando o rei Alcínoo, levantando-se, faz gestos para impor silêncio.*)

Alcínoo — Companheiros, se imaginásseis a sorte que tendes em estar perante o valente Ulisses, certamente ouviríeis o que ele tem para nos contar. (*Virando-se para Ulisses*) E desde já te prometo que, para prosseguires a longa viagem, um dos nossos navios te conduzirá sem erro às tuas terras, pois os barcos dos Feácios são diferentes de todos os outros: não necessitam de timoneiro nem de leme e compreendem o pensamento dos homens. Assim, levam-nos direitinhos ao porto de chegada, cortando as ondas velozmente, sem naufrágios nem tempestades que os façam parar.

MANUEL ROCHA, *Polifemo e Ninguém* (adaptado e com supressões).

- 1 Descreve o cenário em que se desenrola a ação desta cena.

- 2 Baseando-te nas informações do texto, faz a caracterização psicológica de Ulisses.

- 3 Que sentimentos manifestam os convivas em relação a Ulisses?

- 4 Clarifica o sentido das seguintes palavras de Ulisses:

«O caminho é breve e conhecido se a Sorte nos ajuda. Mas, quando os Fados são contrários, uma estrada curta fica imensa e nunca chega o fim da caminhada.» (Il. 35-37)

- 5 Quem ajudou Ulisses a regressar a Ítaca?

5.1 De que forma foi prestado o auxílio?

GRUPO II

- 1 Retira da última fala de Alcínoo um verbo que esteja no:

- a) presente do conjuntivo;

- b) pretérito imperfeito do conjuntivo;

- c) futuro do conjuntivo;

- d) condicional.

- 2 Reescreve as seguintes frases, substituindo os nomes e as expressões destacados por pronomes adequados.

(A) Ulisses ajudou **os gregos** a vencer **os troianos**.

(B) Demódoco contou **aos convidados** o episódio do Cavalo de Troia.

(C) **Ulisses** não quis parecer ingrato a Alcínoo.

(D) Nausícaa e o seu pai queriam ouvir **Ulisses** para o consolar.

3 Relê o excerto do texto que se segue e transforma-o em discurso indireto.

Aretê — É bem verdade o que dizes, divino Ulisses.

Ulisses — *(virando-se para a rainha)* Obrigado, senhora. *(virando-se para os outros, depois de uma pausa)* Depois da guerra, parti de regresso à minha terra e família, com a pressa que dão as saudades da minha querida Penélope e do meu filho Telêmaco, largado com um mês de idade e agora já um homem.

GRUPO III

Constrói um texto, de 100 a 150 palavras, onde te tornes herói, modificando o rumo dos acontecimentos e dando à história um final diferente. Tudo começa quando, dentro das muralhas de Troia, surpreendes Ulisses e os seus companheiros, que estavam no ventre do cavalo de pau.

Considera os seguintes aspetos:

- És um soldado troiano;
- Tal como Ulisses, também és astuto e corajoso;
- Amas o teu povo e a tua nação;
- Apercebes-te da falsa retirada do exército grego e do estratagema de Ulisses;
- Deixas que levem o cavalo de madeira para o interior das muralhas.
- Dialogas com Ulisses e com um dos seus companheiros (podes inventar-lhe um nome).

Observações:

1. Considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco (Exemplo: «Inscreve-te até às 18h30» contém quatro palavras).
2. Se o teu texto tiver:
 - menos de 100 palavras ou mais de 150 palavras, terá uma desvalorização até dois pontos;
 - menos de 40 palavras, será classificado com 0 (zero) pontos.

Ficha de avaliação 4 B

GRUPO I

Parte A

Lê o texto com atenção.

Cerco de Troia

Nos seus barcos os gregos embarcaram para Troia pensando alegremente que iam ter uma vitória fácil e em breve regressariam ao lar. Mas quê? Seria esta uma luta que havia de durar dez anos. Dez anos sem os gregos verem a pátria, a família. A certa altura já ninguém sabia suportar a saudade, o esforço de manter um cerco durante tanto tempo. Aquilo não podia continuar assim!

Então Ulisses, que todos diziam ser o mais manhoso dos homens, pensou, pensou e teve uma ideia: construir um enorme, um gigantesco cavalo de pau, assente num estrado com rodas para se poder deslocar, e dentro do bojo, ou seja, da barriga desse cavalo, se esconderem alguns homens.

Mas para que seria este cavalo? Ulisses imaginou que os gregos deviam fingir que iam todos embora dali e deixar às portas de Troia o monumental cavalo sozinho... em ar de homenagem!

Depois de o construírem, assim fizeram. E levantaram as suas tendas de dez anos, cavalos verdadeiros, tudo. A pouco e pouco foram-se retirando e desapareceram ao longe nas colinas, na distância.

Os troianos viram aqueles preparativos de partida com imensa surpresa e sem perceberem nada do que estava a acontecer. Viram os gregos, depois de dez anos, a ir embora e a largar as suas portas. Mas como sabiam que eles não eram cobardes, ficaram desconfiados e atentos.

Passaram dois dias, três dias, quatro dias e os troianos convenceram-se então que os gregos tinham partido de verdade e não voltavam mais. Abriram muito devagarinho as portas da muralha, e qual não foi o seu espanto quando viram ali mesmo, parado, imponente, brilhando ao sol, um cavalo de pau! [...]

— Queima-se! — disseram uns. E os gregos lá dentro, ao ouvir isto, ficaram apavorados. — Destrói-se com os machados! — gritaram outros. E eles lá dentro...

Até que alguém se lembrou: — Não! É um cavalo muito bonito, e vamos oferecê-lo aos nossos deuses em agradecimento pela vitória que nos concederam, pois não há dúvida que os gregos desistiram de nos vencer depois de tantos anos e nos ofereceram este cavalo em ar de homenagem! [...]

Então os troianos arrastaram o cavalo para dentro das muralhas da cidade e colocaram-no na praça principal. [...]

Só lhes digo: foi a destruição completa desta cidade. Dizem que não ficou pedra sobre pedra...

MARIA ALBERTA MENÉRES, *Ulisses*, Lisboa, Edições Asa, 1997 (com supressões).

1 Classifica cada uma das seguintes afirmações como verdadeira (V) ou falsa (F), de acordo com o texto.

- ☐ (A) A personagem principal do excerto é Ulisses.
- ☐ (B) Os gregos declararam guerra a Troia e por isso se dirigiram para lá.
- ☐ (C) Os gregos estavam cientes de que a guerra iria ser difícil e duradoura.
- ☐ (D) O cerco de Troia durou 12 anos.
- ☐ (E) Para pôr fim a esta situação, Ulisses inventou um cavalo de madeira, onde se esconderiam ele e alguns companheiros.
- ☐ (F) Os troianos não se surpreenderam com a partida dos gregos.
- ☐ (G) Os troianos não hesitaram em levar o cavalo de madeira para dentro das muralhas.
- ☐ (H) Os gregos arrasaram Troia, não ficando pedra sobre pedra.

2 Ordena as seguintes informações, de 1 a 4, de acordo com a ordem pela qual surgem no texto.

- ☐ (A) Transporte do cavalo de pau para dentro das muralhas da cidade.
- ☐ (B) Destruição de Troia.
- ☐ (C) Falsa retirada das tropas gregas.
- ☐ (D) Decisão por apressar o fim da guerra por causa das saudades da pátria.

Parte B

Lê agora o seguinte texto, sobre Ulisses, o «destruidor de Troia».

Ulisses, no palácio do rei Alcínoo

Ato I Cena II

(Abre-se o pano e enche-se o palco de luz. É um jantar de boas vindas, no palácio do rei Alcínoo. Uma sala grande, sem luxo, com uma mesa enorme, à volta da qual estão sentados a família real, os convidados e Ulisses, perto do rei, que está à cabeceira. Ouve-se música suave e um poeta-cantor narra o episódio do Cavalo de Troia, do qual

⁵ *Ulisses foi o inventor.)*

Demódoco — *(Com gestos teatrais e voz trágica)* — E assim, os gregos saíram do ventre enganador do Cavalo, presente traiçoeiro do inimigo, pela calada da noite. E, enquanto os troianos dormiam confiantes, os gregos mataram os guerreiros valentes, prenderam as mulheres indefesas e, pelo fogo, consumiram a grandeza da cidade de

¹⁰ Troia. Numa noite apenas, ruiu a glória de mil anos.

Alcínoo — *(Bate as palmas, acompanhado pela restante assistência. De seguida, faz um gesto, a impor silêncio.)* — Amigos, parece que as maravilhosas histórias do poeta Demódoco não alegram toda a gente. Reparo que o nosso convidado está comovido. — *(Virando-se para Ulisses)* — Poder-se-á saber porque estás entristecido,

¹⁵ honrado hóspede? Ou essas serão lágrimas de alegria?

Ulisses — (*Atrapalhado*) — Desculpa, grande rei Alcínoo. Não quero parecer ingrato, vertendo lágrimas enquanto a maravilhosa voz do poeta recita tão grandiosa história. — (*Virando-se para os presentes*) — Mas foram as lembranças dela que me traíram e, para que me compreendam, devo dizer-vos quem sou e os sofrimentos por que passámos, eu e os meus companheiros, que já não estão comigo. [...] (*Erguendo-se e falando com voz forte, para que todos o ouçam*) — Chamo-me Ulisses, filho de Laertes, e sou aquele que inventou o Cavalo de Troia, de que ouvistes a narração ainda agora. — (*Um burburinho e expressões de admiração correm por toda a sala*) — Sou de Ítaca, ilha pequena, árida e pobre, mas é a minha e não há nenhuma tão bela como a terra onde nascemos.

²⁰ **Aretê** — É bem verdade o que dizes, divino Ulisses.

Ulisses — (*Virando-se para a rainha*) — Obrigado, senhora. — (*Virando-se para os outros*) — Como sabeis, quis o destino que eu e os meus homens nos encontrássemos na famosa e longa guerra contra os troianos. Se ela trouxe glória e poder a alguns, encheu de desgraça muitos mais. — (*Fazendo uma pausa*) — Ora, depois da guerra, parti de regresso à minha terra e família, com a pressa que dão as saudades da minha querida Penélope e do meu filho Telêmaco, largado com um mês de idade e agora já um homem.

Alcínoo — Zeus te concederá a graça de os encontrares sãos e salvos, amigo.

Ulisses — (*Com voz triste*) — Assim queiram eles, grande rei, mas os deuses parece que têm inveja da felicidade dos homens. Repara como me fizeram andar perdido ³⁰ longos anos nesta viagem, depois que saímos de Troia. O caminho é breve e conhecido se a Sorte nos ajuda. Mas, quando os Fados são contrários, uma estrada curta fica imensa e nunca chega o fim da caminhada. — (*Faz uma pausa, pensativo*) — E que terríveis são as memórias que tenho. Só quem a vive compreende a desgraça de assistir à morte dos companheiros, trespassados pela lança, afogados nas ondas ou comidos por ⁴⁰ monstros cruéis. (*Ouvem-se sussurros pela sala, entre os convivas, comentando uns com os outros, aterrorizados.*)

Nausícaa — Amigos, silêncio, por favor. Deixai que se ouçam as penas do divino Ulisses, para que possamos consolá-lo, porque dizem que as alegrias divididas aumentam e as tristezas partilhadas diminuem. (*O ruído baixa, mas só acaba quando o rei Alcínoo, ⁴⁵ levantando-se, faz gestos para impor silêncio.*)

Alcínoo — Companheiros, se imaginásseis a sorte que tendes em estar perante o valente Ulisses, certamente ouviríeis o que ele tem para nos contar. (*Virando-se para Ulisses*) — E desde já te prometo que, para prosseguires a longa viagem, um dos nossos navios te conduzirá sem erro às tuas terras, pois os barcos dos Feácios são ⁵⁰ diferentes de todos os outros: não necessitam de timoneiro nem de leme e compreendem o pensamento dos homens. Assim, levam-nos direitinhos ao porto de chegada, cortando as ondas velozmente, sem naufrágios nem tempestades que os façam parar.

MANUEL ROCHA, *Polifemo e Ninguém* (adaptado e com supressões).

1 Identifica o local onde decorre a ação desta cena.

- 2 Baseando-te em informações do texto, seleciona seis adjetivos que caracterizam psicologicamente Ulisses.

- | | | |
|--|--------------------------------------|---|
| ☐ (A) sensível | ☐ (E) alegre | ☐ (I) insensível |
| ☐ (B) imbecil | ☐ (F) tonto | ☐ (J) valente |
| ☐ (C) aventureiro | ☐ (G) divino | ☐ (K) fraco |
| ☐ (D) receoso | ☐ (H) infeliz | ☐ (L) esperto |

- 3 Risca o que não interessa para que a frase fique de acordo com o texto.

Os convivas, em relação a Ulisses, manifestam sentimentos aparentemente contraditórios: por um lado, ficam **admirados/indiferentes** com a sua presença; por outro, **tranquilizam-se/apavoram-se** com o relato das suas façanhas e dos perigos que teve de ultrapassar.

- 4 Seleciona a opção que clarifica o sentido das seguintes palavras de Ulisses:

«O caminho é breve e conhecido se a Sorte nos ajuda.» (ll. 35-36)

- (A) Se a Sorte nos acompanhar, tudo se torna mais fácil.
(B) Se a Sorte nos acompanhar, tudo se torna difícil e penoso.

- 5 Quem ajudou Ulisses a regressar a Ítaca?

5.1 De que forma foi prestado o auxílio?

GRUPO II

- 1 Retira da última fala de Alcínoo um verbo que esteja no:

- a) presente do conjuntivo; _____
b) pretérito imperfeito do conjuntivo; _____
c) futuro do conjuntivo; _____
d) condicional. _____

- 2 Reescreve as seguintes frases, substituindo os nomes e as expressões destacados por pronomes adequados.

- (A) Ulisses ajudou **os gregos** a vencer **os troianos**.

- (B) Demódoco contou **aos convidados** o episódio do Cavalo de Troia.

- (C) **Ulisses** não quis parecer ingrato a Alcínoo.

- (D) Nausícaa e o seu pai queriam ouvir **Ulisses** para o consolar.

Ulisses — *(virando-se para a rainha)* Obrigado, senhora.

- menos de 80 palavras ou mais de 130 palavras, terá uma desvalorização até dois pontos;
- menos de 30 palavras, será classificado com 0 (zero) pontos.

[illegible]

Ficha de avaliação 5 A

GRUPO I

Parte A

Lê o seguinte texto.

A determinação de D. Henrique, o Navegador

Era uma vez um príncipe português, Henrique, *o Navegador*, que quase nunca tinha navegado. Sem a vontade e a paixão deste homem, muitas das descobertas nunca teriam sido possíveis.

D. Henrique nasceu em 1394. É o terceiro filho do rei D. João I. Dizem que era um solitário, um sonhador que não apreciava os luxos da corte portuguesa. Os astrólogos do rei disseram que ele haveria de cumprir «grandes e nobres conquistas» e tentaria descobrir «coisas que estavam **fechadas** aos outros homens». É isto o que conta um cronista da época.

D. Henrique tinha 21 anos quando os Portugueses enviaram uma expedição militar contra uma praça forte muçulmana do outro lado do Mediterrâneo, na costa marroquina. Os seus dois irmãos mais velhos conduzem a expedição. Henrique fica encarregado de a preparar e, para isso, manda construir uma frota. Mostra ser um excelente organizador. A 24 de agosto de 1415, os portugueses atacam Ceuta. Bem equipados e bem armados, tomaram a cidade num único dia.

Na época, Ceuta tinha imensas lojas onde se vendiam ouro e cobre de África. Mas, desde que os portugueses se tornaram senhores da cidade, as caravanas deixaram de passar por lá. Por isso, Portugal nunca chegará a controlar o comércio das caravanas africanas. D. Henrique vai então dedicar-se a procurar uma via marítima que traga o ouro de África para o seu país.

D. Henrique instala-se no cabo de São Vicente, ponto extremo de Portugal, na fortaleza de Sagres, junto às margens do Atlântico.

Reúne os mapas existentes, os manuscritos dos geógrafos e das viagens feitas. Reúne em Sagres os melhores cartógrafos, astrónomos e construtores de barcos. Os mercadores e os marinheiros vêm confiar-lhe os seus conhecimentos. Funda assim uma escola de navegação.

Em Sagres aperfeiçoam alguns dos instrumentos de navegação e a caravela. Lagos, a alguns quilómetros de distância, torna-se um estaleiro de caravelas.

D. Henrique, ajudado pelos sábios, estuda as rotas das futuras expedições portuguesas e escolhe homens capazes para as comandar.

Dado que as companhias de armadores ou de mercadores não podiam ter financiado tais viagens, D. Henrique obteve do rei o dinheiro necessário.

Sem medos, D. Henrique conduzirá esta gigantesca tarefa das descobertas durante 40 anos!

1 Selecciona a opção que completa corretamente cada frase.

- I. Este texto foi escrito com a intenção de...
- ☐ (A) ... defender uma opinião.
 - ☐ (B) ... transmitir informações.
 - ☐ (C) ... divulgar comportamentos.
 - ☐ (D) ... transmitir instruções.
- II. D. Henrique nasceu em...
- ☐ (A) ... Portugal, nos fins do século xv.
 - ☐ (B) ... Sagres, nos fins do século xiv.
 - ☐ (C) ... Portugal, nos fins do século xiv.
 - ☐ (D) ... Sagres, nos fins do século xv.
- III. D. Henrique é conhecido como *o Navegador*, porque...
- ☐ (A) ... fazia muitas viagens por mar.
 - ☐ (B) ... investigou a vida nos oceanos.
 - ☐ (C) ... preparou a conquista de Ceuta.
 - ☐ (D) ... foi responsável pelo avanço das descobertas.
- IV. A conquista da cidade de Ceuta demorou...
- ☐ (A) ... um dia.
 - ☐ (B) ... uma semana.
 - ☐ (C) ... um mês.
 - ☐ (D) ... um ano.
- V. A palavra «fechadas», destacada no texto, significa:
- ☐ (A) presas.
 - ☐ (B) proibidas.
 - ☐ (C) escondidas.
 - ☐ (D) encerradas.
- VI. A conquista de Ceuta não serviu os objetivos de Portugal, porque...
- ☐ (A) ... havia poucas lojas de ouro e cobre originários de África.
 - ☐ (B) ... o ouro e o cobre ficaram nas mãos dos portugueses.
 - ☐ (C) ... os portugueses não conseguiram dominar a cidade.
 - ☐ (D) ... as caravanas arranjaram outros caminhos.

2 Ordena os seguintes factos, de 1 a 6, de acordo com a ordem pela qual surgem no texto.

- ☐ (A) Origem do dinheiro para as descobertas.
- ☐ (B) Escolha dos capitães das descobertas.
- ☐ (C) Escolha do local de trabalho de D. Henrique.
- ☐ (D) Recolha das informações que existiam sobre o mar.
- ☐ (E) Surgimento da escola de navegadores em Sagres.
- ☐ (F) Local principal de construção das caravelas.

- 3 Considerando dados do texto, associa os elementos da Coluna A ao número correto da Coluna B.

Coluna A	
(A) Palavras de um cronista.	☐
(B) Idade, quando se conquistou Ceuta.	☐
(C) Produtos que levaram à conquista de Ceuta.	☐
(D) Local onde desenvolveu o seu trabalho.	☐

Coluna B	
1. Ouro e cobre de África.	
2. Fortaleza de Sagres — cabo de S. Vicente.	
3. Ele haveria de cumprir «grandes e nobres conquistas» e tentaria descobrir «coisas que estavam fechadas aos outros homens».	
4. 21 anos.	

Parte B

Lê agora o poema que se segue.

Bartolomeu Marinheiro

Era uma vez
 um capitão português
 chamado Bartolomeu
 que venceu
 5 um gigante enorme e antigo.
 Bartolomeu, em menino
 pequenino,
 ia para o pé do mar...
 e ficava a olhar
 10 o mar...
 E Bartolomeu cismava...
 Ó que lindo, ó que lindo,
 o mar, e a sua voz profunda e bela!
 Uma nuvem no céu era uma caravela
 15 que novos céus andava descobrindo...
 Ó que lindo, os navios,
 que vão suspensos entre a água e o céu,
 com velas brancas e mastros esguios,
 e com bandeiras de todas as cores!
 20 Bartolomeu cismava
 porque ouvia
 tudo o que o mar contava
 e lhe dizia.

AFONSO LOPES VIEIRA, in *Poesia Portuguesa para Crianças* (Antologia), Girassol Edições.

- 1** Completa a tabela seguinte com os dados das três estrofes do poema.

	1.ª estrofe	2.ª estrofe	3.ª estrofe
(A) Classificação quanto ao número de versos	_____	_____	_____
(B) Esquema rimático	_____	_____	_____
(C) Classificação das rimas	rima a: _____ rima b: _____ rima c: _____	rima a: _____ rima c: _____ rima d: _____	rima a: _____ rima d: _____ rima e: _____

- 2** Divide o poema em partes, tendo em conta a idade da personagem a que se referem.

- 3** Como é caracterizado Bartolomeu em cada uma das partes?

- 4** De acordo com os dados do poema, o que queria ser Bartolomeu, quando fosse grande?

- 5** Identifica o recurso expressivo presente nos versos seguintes:

(A) «Bartolomeu cismava / porque ouvia / tudo o que o mar contava / e lhe dizia.»
(ll. 20-23)

(B) «Uma nuvem no céu era uma caravela.» (l. 14)

- 5.1** Explica os recursos que identificaste em (A) e (B).

1 Completa a tabela com as palavras dos versos seguintes.

«Era uma vez / um capitão português / chamado Bartolomeu / que venceu / um gigante enorme e antigo.» (ll. 1-5)

Nomes	Verbos	Adjetivos	Determinantes	Pronomes

2 Qual é o tempo verbal mais utilizado no poema?

2.1 Faz a listagem das formas verbais que justificam a tua resposta.

3 Reescreve o verso seguinte colocando os adjetivos nos graus pedidos.

«venceu um gigante enorme e antigo.» (ll. 4-5)

(A) Grau superlativo relativo de superioridade.

(B) Grau superlativo absoluto sintético.

4 Identifica a função sintática das expressões sublinhadas em cada frase.

(A) «Bartolomeu, em menino / pequenino, / ia para o pé do mar...» (ll. 6-8)

(B) «Uma nuvem no céu era uma caravela.» (l. 14)

(C) «que novos céus andava descobrindo.» (l. 15)

5 No texto pode ler-se: «Bartolomeu [...] venceu um gigante enorme e antigo.» (ll. 3-5) Reescreve esta frase na voz passiva.

Como Bartolomeu, também tu deves ter um sonho que gostarias de realizar, quando fores adulto. Conta o teu sonho num texto bem organizado e gramaticalmente correto.

Tem em atenção as seguintes orientações:

- Não te esqueças de fazer uma introdução;
- Explica claramente o teu sonho;
- Apresenta as razões para teres esse sonho;
- Reflete sobre as dificuldades que prevês encontrar;
- Explica o que necessitas de fazer para realizares esse sonho;
- O teu texto deve ter um mínimo de 140 e um máximo de 200 palavras.

Observações:

1. Considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco (Exemplo: «Inscreve-te até às 18h30» contém quatro palavras).
2. Se o teu texto tiver:
 - menos de 140 palavras ou mais de 200 palavras, terá uma desvalorização até dois pontos;
 - menos de 50 palavras, será classificado com 0 (zero) pontos.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Ficha de avaliação 5 B

GRUPO I

Parte A

Lê o seguinte texto.

A determinação de D. Henrique, o Navegador

Era uma vez um príncipe português, Henrique, *o Navegador*, que quase nunca tinha navegado. Sem a vontade e a paixão deste homem, muitas das descobertas nunca teriam sido possíveis.

D. Henrique nasceu em 1394. É o terceiro filho do rei D. João I. Dizem que era um solitário, um sonhador que não apreciava os luxos da corte portuguesa. Os astrólogos do rei disseram que ele haveria de cumprir «grandes e nobres conquistas» e tentaria descobrir «coisas que estavam **fechadas** aos outros homens». É isto o que conta um cronista da época.

D. Henrique tinha 21 anos quando os Portugueses enviaram uma expedição militar contra uma praça forte muçulmana do outro lado do Mediterrâneo, na costa marroquina. Os seus dois irmãos mais velhos conduzem a expedição. Henrique fica encarregado de a preparar e, para isso, manda construir uma frota. Mostra ser um excelente organizador. A 24 de agosto de 1415, os portugueses atacam Ceuta. Bem equipados e bem armados, tomaram a cidade num único dia.

Na época, Ceuta tinha imensas lojas onde se vendiam ouro e cobre de África. Mas, desde que os portugueses se tornaram senhores da cidade, as caravanas deixaram de passar por lá. Por isso, Portugal nunca chegará a controlar o comércio das caravanas africanas. D. Henrique vai então dedicar-se a procurar uma via marítima que traga o ouro de África para o seu país.

D. Henrique instala-se no cabo de São Vicente, ponto extremo de Portugal, na fortaleza de Sagres, junto às margens do Atlântico.

Reúne os mapas existentes, os manuscritos dos geógrafos e das viagens feitas. Reúne em Sagres os melhores cartógrafos, astrónomos e construtores de barcos. Os mercadores e os marinheiros vêm confiar-lhe os seus conhecimentos. Funda assim uma escola de navegação.

Em Sagres aperfeiçoam alguns dos instrumentos de navegação e a caravela. Lagos, a alguns quilómetros de distância, torna-se um estaleiro de caravelas.

D. Henrique, ajudado pelos sábios, estuda as rotas das futuras expedições portuguesas e escolhe homens capazes para as comandar.

Dado que as companhias de armadores ou de mercadores não podiam ter financiado tais viagens, D. Henrique obteve do rei o dinheiro necessário.

Sem medos, D. Henrique conduzirá esta gigantesca tarefa das descobertas durante 40 anos!

1 Selecciona a opção que completa corretamente cada frase.

- I. Este texto foi escrito com a intenção de...
- ☐ (A) ... defender uma opinião.
 - ☐ (B) ... transmitir informações.
 - ☐ (C) ... divulgar comportamentos.
 - ☐ (D) ... transmitir instruções.
- II. D. Henrique nasceu em...
- ☐ (A) ... Portugal, nos fins do século xv.
 - ☐ (B) ... Sagres, nos fins do século xiv.
 - ☐ (C) ... Portugal, nos fins do século xiv.
 - ☐ (D) ... Sagres, nos fins do século xv.
- III. D. Henrique é conhecido como *o Navegador*, porque...
- ☐ (A) ... fazia muitas viagens por mar.
 - ☐ (B) ... investigou a vida nos oceanos.
 - ☐ (C) ... preparou a conquista de Ceuta.
 - ☐ (D) ... foi responsável pelo avanço das descobertas.
- IV. A conquista da cidade de Ceuta demorou...
- ☐ (A) ... um dia.
 - ☐ (B) ... uma semana.
 - ☐ (C) ... um mês.
 - ☐ (D) ... um ano.
- V. A palavra «fechadas», destacada no texto, significa:
- ☐ (A) presas.
 - ☐ (B) proibidas.
 - ☐ (C) escondidas.
 - ☐ (D) encerradas.
- VI. A conquista de Ceuta não serviu os objetivos de Portugal, porque...
- ☐ (A) ... havia poucas lojas de ouro e cobre originários de África.
 - ☐ (B) ... o ouro e o cobre ficaram nas mãos dos portugueses.
 - ☐ (C) ... os portugueses não conseguiram dominar a cidade.
 - ☐ (D) ... as caravanas arranjaram outros caminhos.

2 Ordena os seguintes factos, de 1 a 6, de acordo com a ordem pela qual surgem no texto.

- ☐ (A) Origem do dinheiro para as descobertas.
- ☐ (B) Escolha dos capitães das descobertas.
- ☐ (C) Escolha do local de trabalho de D. Henrique.
- ☐ (D) Recolha das informações que existiam sobre o mar.
- ☐ (E) Surgimento da escola de navegadores em Sagres.
- ☐ (F) Local principal de construção das caravelas.

- 3 Considerando dados do texto acerca de D. Henrique, associa os elementos da coluna A ao número correto da coluna B.

Coluna A	
(A) Palavras de um cronista.	☐
(B) Idade, quando se conquistou Ceuta.	☐
(C) Produtos que levaram à conquista de Ceuta.	☐
(D) Local onde desenvolveu o seu trabalho.	☐

Coluna B
1. Ouro e cobre de África.
2. Fortaleza de Sagres — cabo de S. Vicente.
3. Ele haveria de cumprir «grandes e nobres conquistas» e tentaria descobrir «coisas que estavam fechadas aos outros homens».
4. 21 anos.

Parte B

Lê agora o poema que se segue.

Bartolomeu Marinheiro

Era uma vez
 um capitão português
 chamado Bartolomeu
 que venceu
 5 um gigante enorme e antigo.
 Bartolomeu, em menino
 pequenino,
 ia para o pé do mar...
 e ficava a olhar
 10 o mar...
 E Bartolomeu cismava...
 Ó que lindo, ó que lindo,
 o mar, e a sua voz profunda e bela!
 Uma nuvem no céu era uma caravela
 15 que novos céus andava descobrindo...
 Ó que lindo, os navios,
 que vão suspensos entre a água e o céu,
 com velas brancas e mastros esguios,
 e com bandeiras de todas as cores!
 20 Bartolomeu cismava
 porque ouvia
 tudo o que o mar contava
 e lhe dizia.

AFONSO LOPES VIEIRA, in *Poesia Portuguesa para Crianças* (Antologia). Girassol Edições.

- 1 Completa a tabela seguinte com os dados das três estrofes do poema.

	1.ª estrofe	2.ª estrofe	3.ª estrofe
(A) Classificação quanto ao número de versos	_____	_____	_____
(B) Esquema rimático	_____	_____	_____
(C) Classificação das rimas	rima a: _____ rima b: _____ rima c: _____	rima a: _____ rima c: _____ rima d: _____	rima a: _____ rima d: _____ rima e: _____

- 2 O texto pode ser dividido em duas partes, tendo em conta a idade da personagem. Completa, caracterizando Bartolomeu em cada idade.

1.ª parte — Bartolomeu adulto	_____

2.ª parte — Bartolomeu menino	_____

- 3 De acordo com os dados do poema, o que queria ser Bartolomeu, quando fosse grande?

- 4 Identifica o recurso expressivo presente nos versos seguintes.

(A) «Bartolomeu cismava / porque ouvia / tudo o que o mar contava / e lhe dizia.»
(ll. 20-23)

(B) «Uma nuvem no céu era uma caravela.» (l. 14)

- 4.1 Completa as frases que explicam os recursos expressivos que identificaste.

Na alínea (A), existe uma _____, porque o mar ganha características humanas, como a capacidade de _____.

Na alínea (B), há uma _____, porque a nuvem é identificada com _____, devido à _____ que tem.

1 Completa a tabela com palavras dos versos seguintes.

«Era uma vez / um capitão português / chamado Bartolomeu / que venceu / um gigante enorme e antigo.» (ll. 1-5)

Nomes	Verbos	Adjetivos	Determinantes	Pronomes

2 Seleciona a opção que designa o tempo verbal mais utilizado no poema.

- ☐ (A) Pretérito perfeito do indicativo.
☐ (B) Pretérito imperfeito do indicativo.
☐ (C) Presente do indicativo.
☐ (D) Futuro do indicativo.

2.1 Faz a listagem das formas verbais que justificam a tua resposta.

3 Reescreve o verso seguinte colocando os adjetivos nos graus pedidos.

«venceu um gigante enorme e antigo.» (ll. 4-5)

(A) Grau superlativo relativo de superioridade.

(B) Grau superlativo absoluto sintético.

4 Identifica a função sintática das expressões sublinhadas.

(A) «Bartolomeu, em menino / pequenino, / ia para o pé do mar...» (ll. 6-8)

- ☐ I. Complemento direto.
☐ II. Complemento oblíquo.
☐ III. Predicativo do sujeito.

(B) «Uma nuvem no céu era uma caravela.» (l. 14)

- ☐ I. Complemento direto.
☐ II. Complemento oblíquo.
☐ III. Predicativo do sujeito.

(C) «que novos céus andava descobrindo.» (l. 15)

- ☐ I. Complemento direto.
☐ II. Complemento oblíquo.
☐ III. Predicativo do sujeito.

5 No texto pode ler-se: «Bartolomeu [...] venceu um gigante enorme e antigo.» (ll. 3-5)

Completa os espaços com o tempo adequado da voz passiva, seguindo as instruções entre parênteses.

Um gigante enorme e antigo _____ por Bartolomeu.
 (v. auxiliar **ser** + participípio passado do v. principal **vencer**)

Como Bartolomeu, também tu deves ter um sonho que gostarias de realizar, quando fores adulto. Conta o teu sonho num texto bem organizado e gramaticalmente correto.

Tem em atenção as seguintes orientações:

- Não te esqueças de fazer uma introdução;
- Explica claramente o teu sonho;
- Apresenta as razões para teres esse sonho;
- Reflete sobre as dificuldades que prevês encontrar;
- Explica o que necessitas de fazer para realizares esse sonho;
- O teu texto deve ter um mínimo de 80 e um máximo de 120 palavras.

Observações:

1. Considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco (Exemplo: «Inscribe-te até às 18h30» contém quatro palavras).
2. Se o teu texto tiver:
 - menos de 80 palavras ou mais de 120 palavras, terá uma desvalorização até dois pontos;
 - menos de 40 palavras, será classificado com 0 (zero) pontos.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Ficha de avaliação 6 A

GRUPO I

Parte A

Lê o seguinte texto.

Fenómenos espetaculares e perigosos

Os ciclones tropicais — também chamados tufões, no Oriente — são violentíssimos turbilhões de vento que se formam sobre os mares tropicais. São originados pela circulação atmosférica e formam-se por cima dos oceanos. O ar quente carrega-se de humidade e eleva-se lentamente na atmosfera. Sob o efeito da rotação da Terra, vai rodando cada vez mais alto e cada vez mais depressa. Pouco a pouco o ciclone forma um anel que pode atingir mais de 500 km de largura. No centro está o olho, uma zona de calmaria. Estes fenómenos ocorrem no final do verão nas regiões tropicais, onde a temperatura nunca desce abaixo dos 26 °C. Os ciclones começam a perder atividade ao atravessarem zonas mais frias. São geralmente acompanhados de ventos que podem atingir 500 km por hora.

Consoante a direção do vento, as tempestades de alto mar fustigam as costas, mas por vezes deslocam-se apenas sobre o oceano, sem atingirem a terra. As tempestades evoluem extremamente depressa. Quanto mais forte é o vento, mais altas são as ondas. Antes do ciclone o céu escurece e a chuva cai com violência. Um ciclone aspira em média duas toneladas de água por segundo. As ondas atacam as costas, enquanto os diques rebentam e as embarcações são lançadas contra as rochas. O vento uiva e as árvores vergam-se, chegando até a ser arrancadas pela raiz. Caem os postes da eletricidade e os automóveis são arrastados na enxurrada...

Em 1969, no Mississípi, o furacão *Camille* provocou ondas com 7,60 metros de altura. O tufão que devastou o Bangladeche em 1970 matou cerca de um milhão de pessoas, naquela que foi uma das maiores catástrofes naturais de sempre!

Atualmente tenta-se fazer previsões com a ajuda dos satélites. Aviões especiais são enviados para o interior da massa de nuvens, com o objetivo de medir a velocidade dos ventos. Os aparelhos movimentam-se dentro do olho do ciclone, onde o ar se mantém calmo.

Por outro lado, as trombas de água são furacões em miniatura que se desenvolvem sobretudo nas regiões tropicais, sobre as águas costeiras pouco profundas. As trombas de água nascem a partir de cúmulos, grandes nuvens brancas arredondadas que se situam entre os 500 metros e os 2000 metros de altitude, e a partir de cúmulos-nimbos, nuvens de tempestade. As trombas de água descem lentamente das nuvens em direção à superfície do mar, formando uma chaminé de várias dezenas de metros de altura. No mar, rodam e absorvem grandes quantidades de água. Os ventos raramente ultrapassam os 80 km por hora e não se prolongam mais do que 15 minutos.

Quando as trombas de água se extinguem, a água libertada bruscamente pode representar um grande perigo.

1 Selecciona a opção que completa corretamente cada frase.

- I. Este texto dá informações sobre...
- ☐ (A) ... as perigosas tempestades marítimas.
- ☐ (B) ... os locais onde acontecem normalmente os ciclones.
- ☐ (C) ... os efeitos terríveis das trombas de água.
- ☐ (D) ... o nascimento e efeitos de ciclones e trombas de água.
- II. Os números referidos no texto dão informações sobre...
- ☐ (A) ... data, tamanho, altura e quantidade.
- ☐ (B) ... data, tamanho, altura e velocidade.
- ☐ (C) ... velocidade, altura, data, temperatura e duração.
- ☐ (D) ... data, tamanho, temperatura, velocidade, altura e duração.
- III. Os fenómenos atmosféricos descritos acontecem...
- ☐ (A) ... principalmente na região equatorial.
- ☐ (B) ... normalmente por todo o globo.
- ☐ (C) ... normalmente nas zonas polares.
- ☐ (D) ... principalmente nas zonas tropicais.
- IV. Na frase «No centro está o olho, zona de calmaria.» existe uma...
- ☐ (A) ... metáfora.
- ☐ (B) ... comparação.
- ☐ (C) ... onomatopeia.
- ☐ (D) ... enumeração.

2 Associa cada elemento da Coluna A ao único elemento da Coluna B que com ele se relaciona. Tem em conta apenas a informação do texto.

Coluna A	
(A) <i>Camille</i> .	☐
(B) Oriente.	☐
(C) Trópicos.	☐
(D) Cúmulos.	☐
(E) Bangladeche.	☐

Coluna B	
1. Ponto cardeal.	
2. País da Ásia.	
3. Tufões.	
4. Um milhão de vítimas.	
5. Identificação de furacão.	
6. Temperatura da água.	
7. Água acumulada em altura.	

3 De acordo com o texto, qual é a altura mais perigosa no fenómeno da tromba de água?

Lê agora o poema que se segue.

Arquipélago das Sereias

Ó nau Catarineta
Em que andei no mar
Por caminhos de ir,
Nunca de voltar!

5 Veio a tempestade
Perder-se do mundo,
Fez-se o céu infundo,
Fez-se o mar sem fundo!

10 Ai como era grande
O mundo e a vida
Se a nau, tendo estrela,
Vogava perdida!

E que lindas eram
Lá em Portugal
15 Aquelas meninas
No seu laranja!

E o cavalo branco
Também lá o via
Que tão belo e alado
20 Nenhum outro havia!
[...]

Ó nau Catarineta
Perdida no mar,
Não te percas ainda,
Vem-me cá buscar!



BRANQUINHO DA FONSECA, in *Poesia Portuguesa para Crianças (Antologia)*. Girassol Edições (com supressões).

1 No poema, o sujeito poético faz um apelo.

1.1 A quem se dirige?

1.2 Onde se encontra o sujeito poético?

1.3 Em que consiste?

- 2 Por que razão tudo parece tão grande ao sujeito poético?

- 3 De que tem saudades o sujeito poético?

- 4 Identifica as semelhanças existentes entre este poema e o romance tradicional «Nau Catrineta».

- 5 Por quantos versos é constituída cada estrofe do poema? Como classificas essas estrofes?

- 6 Explica como está organizada a rima em cada estrofe do poema.

GRUPO II

- 1 Assinala todas as palavras que pertencem à mesma família.
☐ Mar ☐ Maresia ☐ Marinheiro ☐ Mártir ☐ Maremoto ☐ Maravilha
- 2 Completa a frase «A nau Catarineta vem-me buscar.», colocando o verbo nos tempos indicados.
 - (A) Futuro simples do indicativo
A nau Catarineta _____ – _____ – _____ buscar.
 - (B) Pretérito imperfeito do indicativo
A nau Catarineta _____ – _____ buscar.
 - (C) Pretérito perfeito composto do indicativo
A nau Catarineta _____ – _____ buscar.
- 3 Completa a frase «O mundo era grande.» colocando o adjetivo nos graus indicados.
 - (A) Superlativo relativo de superioridade: O mundo era _____
 - (B) Superlativo absoluto sintético — forma irregular: O mundo era _____
 - (C) Superlativo absoluto analítico: O mundo era _____
- 4 Reescreve as frases seguintes, substituindo cada expressão sublinhada pelo pronome pessoal adequado.
 - (A) Antes do ciclone o céu escurece.

 - (B) No mar rodam e absorvem grandes quantidades de água.

Ficha de avaliação 6 B

GRUPO I

Parte A

Lê o seguinte texto.

Fenómenos espetaculares e perigosos

Os ciclones tropicais — também chamados tufões, no Oriente — são violentíssimos turbilhões de vento que se formam sobre os mares tropicais. São originados pela circulação atmosférica e formam-se por cima dos oceanos. O ar quente carrega-se de humidade e eleva-se lentamente na atmosfera. Sob o efeito da rotação da Terra, vai rodando cada vez mais alto e cada vez mais depressa. Pouco a pouco o ciclone forma um anel que pode atingir mais de 500 km de largura. No centro está o olho, uma zona de calmaria. Estes fenómenos ocorrem no final do verão nas regiões tropicais, onde a temperatura nunca desce abaixo dos 26 °C. Os ciclones começam a perder atividade ao atravessarem zonas mais frias. São geralmente acompanhados de ventos que podem atingir 500 km por hora.

Consoante a direção do vento, as tempestades de alto mar fustigam as costas, mas por vezes deslocam-se apenas sobre o oceano, sem atingirem a terra. As tempestades evoluem extremamente depressa. Quanto mais forte é o vento, mais altas são as ondas. Antes do ciclone o céu escurece e a chuva cai com violência. Um ciclone aspira em média duas toneladas de água por segundo. As ondas atacam as costas, enquanto os diques rebentam e as embarcações são lançadas contra as rochas. O vento uiva e as árvores vergam-se, chegando até a ser arrancadas pela raiz. Caem os postes da eletricidade e os automóveis são arrastados na enxurrada...

Em 1969, no Mississípi, o furacão *Camille* provocou ondas com 7,60 metros de altura. O tufão que devastou o Bangladeche em 1970 matou cerca de um milhão de pessoas, naquela que foi uma das maiores catástrofes naturais de sempre!

Atualmente tenta-se fazer previsões com a ajuda dos satélites. Aviões especiais são enviados para o interior da massa de nuvens, com o objetivo de medir a velocidade dos ventos. Os aparelhos movimentam-se dentro do olho do ciclone, onde o ar se mantém calmo.

Por outro lado, as trombas de água são furacões em miniatura que se desenvolvem sobretudo nas regiões tropicais, sobre as águas costeiras pouco profundas. As trombas de água nascem a partir de cúmulos, grandes nuvens brancas arredondadas que se situam entre os 500 metros e os 2000 metros de altitude, e a partir de cúmulos-nimbos, nuvens de tempestade. As trombas de água descem lentamente das nuvens em direção à superfície do mar, formando uma chaminé de várias dezenas de metros de altura. No mar, rodam e absorvem grandes quantidades de água. Os ventos raramente ultrapassam os 80 km por hora e não se prolongam mais do que 15 minutos.

Quando as trombas de água se extinguem, a água libertada bruscamente pode representar um grande perigo.

VALÉRY LE DU, *O Mar — Universo Fantástico* (tradução de Alexandre Correia),
Edição Fleurus, Livros e Livros, 1997 (adaptado).

1 Selecciona a opção que completa corretamente cada frase.

- I. Este texto dá informações sobre...
- ☐ (A) ... as perigosas tempestades marítimas.
- ☐ (B) ... os locais onde acontecem normalmente os ciclones.
- ☐ (C) ... os efeitos terríveis das trombas de água.
- ☐ (D) ... o nascimento e efeitos de ciclones e trombas de água.
- II. Os números referidos no texto dão informações sobre...
- ☐ (A) ... data, tamanho, altura e quantidade.
- ☐ (B) ... data, tamanho, altura e velocidade.
- ☐ (C) ... velocidade, altura, data, temperatura e duração.
- ☐ (D) ... data, tamanho, temperatura, velocidade, altura e duração.
- III. Os fenómenos atmosféricos descritos acontecem...
- ☐ (A) ... principalmente na região equatorial.
- ☐ (B) ... normalmente por todo o globo.
- ☐ (C) ... normalmente nas zonas polares.
- ☐ (D) ... principalmente nas zonas tropicais.
- IV. Na frase «No centro está o olho, zona de calmaria.» existe uma...
- ☐ (A) ... metáfora.
- ☐ (B) ... comparação.
- ☐ (C) ... onomatopeia.
- ☐ (D) ... enumeração.
- V. De acordo com o texto, a altura mais perigosa no fenómeno da tromba de água é...
- ☐ (A) ... quando a tromba de água toca no mar.
- ☐ (B) ... quando são aspiradas toneladas de água.
- ☐ (C) ... quando se formam as nuvens.
- ☐ (D) ... quando se liberta a água, ao terminar a tromba de água.

2 Associa cada elemento da coluna A ao único elemento da coluna B que com ele se relaciona. Tem em conta apenas a informação do texto.

Coluna A	
(A) <i>Camille</i> .	☐
(B) Oriente.	☐
(C) Trópicos.	☐
(D) Cúmulos.	☐
(E) Bangladeche.	☐

Coluna B	
1. Ponto cardeal.	
2. País da Ásia.	
3. Tufões.	
4. Um milhão de vítimas.	
5. Identificação de furacão.	
6. Temperatura da água.	
7. Água acumulada em altura.	

Lê agora o poema que se segue.

Arquipélago das Sereias

Ó nau Catarineta
Em que andei no mar
Por caminhos de ir,
Nunca de voltar!

5 Veio a tempestade
Perder-se do mundo,
Fez-se o céu infundo,
Fez-se o mar sem fundo!

10 Ai como era grande
O mundo e a vida
Se a nau, tendo estrela,
Vogava perdida!

E que lindas eram
Lá em Portugal
15 Aquelas meninas
No seu laranja!

E o cavalo branco
Também lá o via
Que tão belo e alado
20 Nenhum outro havia!
[...]

Ó nau Catarineta
Perdida no mar,
Não te percas ainda,
Vem-me cá buscar!



BRANQUINHO DA FONSECA, in *Poesia Portuguesa para Crianças (Antologia)*, Girassol Edições (com supressões).

1 No poema, o sujeito poético faz um apelo.

1.1 A quem se dirige?

1.2 Onde se encontra o sujeito poético?

1.3 Em que consiste?

2 Por que razão tudo parece tão grande ao sujeito poético?

- ☐ (A) Porque ele é muito pequeno.
- ☐ (B) Porque a nau anda perdida.
- ☐ (C) Porque descobriu um arquipélago enorme.

3 Completa as frases seguintes com as palavras ou expressões do quadro.

meninas • saudades • Portugal • cavalo branco • mundo • vida

O sujeito poético anda perdido no **a)** _____ e na **b)** _____.

Por isso, tem **c)** _____ das **d)** _____ e do **e)** _____
que deixou em **f)** _____.

4 Identifica as semelhanças existentes entre este poema e o romance tradicional «Nau Catrineta». _____**5 Completa a tabela.**

N.º de versos de cada estrofe	Classificação da estrofe

6 Explica como está organizada a rima em cada estrofe do poema.

GRUPO II

1 Assinala todas as palavras que pertencem à mesma família.

☐ Mar ☐ Maresia ☐ Marinheiro ☐ Mártir ☐ Maremoto ☐ Maravilha

2 Completa a frase «A nau Catarineta vem-me buscar.» colocando o verbo nos tempos indicados.

(A) Futuro simples do indicativo

A nau Catarineta _____ – _____ – _____ buscar.

(B) Pretérito imperfeito do indicativo

A nau Catarineta _____ – _____ buscar.

(C) Pretérito perfeito composto do indicativo

A nau Catarineta _____ – _____ buscar.

3 Completa a frase «O Mundo era grande.» colocando o adjetivo nos graus indicados.

(A) Superlativo relativo de superioridade: O mundo era _____

(B) Superlativo absoluto sintético — forma irregular: O mundo era _____

(C) Superlativo absoluto analítico: O mundo era _____

- GRUPO III

1. Considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco (Exemplo: «Inscreve-te até às 18h30» contém quatro palavras).
2. Se o teu texto tiver:
 - menos de 80 palavras ou mais de 120 palavras, terá uma desvalorização até dois pontos;
 - menos de 30 palavras, será classificado com 0 (zero) pontos.

[illegible]

Correção das fichas de avaliação

Ficha de avaliação 1 A

GRUPO I

Parte A

- 1 (A) — V; (B) — F; (C) — F; (D) — F; (E) — F; (F) — V; (G) — F; (H) — V.
- 2 (A) — 4; (B) — 6; (C) — 5; (D) — 1; (E) — 3; (F) — 2.
- 3 3.1 Comparação.
3.2 Mariana descobriu que a irmã fazia falta em casa, devido ao silêncio existente. Já sentia saudades do barulho da irmã, como do rouxinol que visitava a casa no verão.

Parte B

- 1 A narradora desta história é participante e personagem da história. Narra na primeira pessoa.
- 2 A mãe disse que os pais da Rita se iam separar.
- 3 A narradora tenta entender porque é que se separam as pessoas. Acha que as pessoas podem cansar-se de estar no mesmo lugar. Mas também pensa que deve haver alguma coisa mais que ela não entende.
- 4 A tia Magda disse que ela era insensível e ela pensa que deve ser verdade, pois, enquanto lhe falam da separação dos pais da amiga, ela só pensa no chão sujo do quarto e nas brincadeiras do fim de semana.
- 5 Aconselha-a a ir visitar a amiga ou então a convidá-la a ir lá a casa.
5.1 A Rita deve estar a sofrer e a mãe considera que a filha, como sua amiga, deve ajudar a Rita a superar as dificuldades. Os amigos são para as ocasiões.
- 6 A mãe vai falando e a narradora vai tendo vários pensamentos: como se iam divertindo com os provérbios, como o Sr. Ernesto montara a tenda, como era a cor da água da piscina, etc. Estava sempre distraída.
- 7 Depois de saber o que acontecera em casa da Rita, a narradora começou a estranhar a amiga e a casa dela. Tudo parecia diferente e desconhecido, como se nunca tivesse estado naquela casa.

GRUPO II

- 1 1.1 *Acho* é um verbo transitivo direto; *foi* é uma forma do verbo *ser*, verbo copulativo; *entendi* é um verbo transitivo direto.
1.2 *Acho* — presente do indicativo, 1.ª pessoa do singular; *foi* — pretérito perfeito do indicativo, 3.ª pessoa do singular; *entendi* — pretérito perfeito do indicativo, 1.ª pessoa do singular.
1.3 (A) *é*; *entendo*; (B) *era*; *entendia*; (C) *tinha sido*; *tinha entendido*.
- 2 (A) (a) tia Magda; (B) (à) Rita; (C) (na) casa da Rita.

- 3 (A) **Nós olhávamos** para os espões...
 (B) que **a liam** e falavam da lesão do Alves...
 (C) ... penduravam-**na** durante a manhã.
- 4 (A) *lhe* — complemento indireto; *cá* — complemento oblíquo;
 (B) *as saudades* — complemento direto; *eu* — sujeito;
 (C) *forçado* — predicativo do sujeito; *para a Rita* — modificador.

GRUPO III

Dada a natureza da atividade, não se apresenta um cenário de resposta.

Ficha de avaliação 1 B

GRUPO I

Parte A

- 1 (A) — V; (B) — F; (C) — F; (D) — F; (E) — F; (F) — V; (G) — F; (H) — V.
- 2 (A) — 4; (B) — 6; (C) — 5; (D) — 1; (E) — 3; (F) — 2.
- 3 3.1 Comparação.
 3.2 (B)

Parte B

- 1 A narradora desta história é participante e personagem da história. Narra na primeira pessoa.
- 2 A mãe disse que os pais da Rita se iam separar.
- 3 (A)
- 4 A tia Magda disse que ela era insensível e ela pensa que deve ser verdade, pois, enquanto *lhe* falam da separação dos pais da amiga, ela só pensa no chão sujo do quarto e nas brincadeiras do fim de semana.
- 5 Aconselha-a a ir visitar a amiga ou então convidá-la a ir lá a casa.
 5.1 (C)
- 6 A mãe vai falando e a narradora vai tendo vários pensamentos: como se tinham divertido com os provérbios, como o Sr. Ernesto montara a tenda, como era a cor da água da piscina, etc. Estava sempre distraída.
- 7 7.1 Casa da Rita.
 7.2 Depois de saber o que acontecera em casa da Rita, a narradora começou a estranhar a amiga e a casa dela. Tudo parecia diferente e estranho, como se nunca lá tivesse estado.

GRUPO II

- 1** 1.1 *Foi* é uma forma do verbo *ser*, verbo copulativo; *entendi* é um verbo transitivo direto.
 1.2 *Foi* — pretérito perfeito do indicativo, 3.ª pessoa do singular;
entendi — pretérito perfeito do indicativo, 1.ª pessoa do singular.
 1.3 (A) *é; entendo*; (B) *era; entendia*; (C) *tinha sido; tinha entendido*.
- 2** (A) (a) *tia Magda*; (B) (à) *Rita*; (C) (na) *casa da Rita*.
- 3** (A) **Nós olhávamos** para os espiões... (B) **que a liam** e falavam da lesão do Alves...
 (C) ... penduravam-**na** durante a manhã.
- 4** (A) *lhe* — complemento indireto; *cá* — complemento oblíquo; (B) *as saudades* — complemento direto; *eu* — sujeito; (C) *forçado* — predicativo do sujeito; *para a Rita* — modificador.

GRUPO III

Dada a natureza da atividade, não se apresenta um cenário de resposta.

Ficha de avaliação 2 A

GRUPO I

Parte A

- 1** I. (C); II. (D); III. (A); IV. (D).
- 2** (A) — 3; (B) — 4; (C) — 5; (D) — 2; (E) — 1.
- 3** 3.1 Metáfora.
 3.2 (B)

Parte B

- 1** (A) — Ida para o hospital. Situação do pai no hospital.
 (B) — Conversa entre o pai e o filho. O pai quer saber o que se passa com os animais e as culturas.
 (C) — Pedro gostaria de dizer muitas coisas ao pai, mas não consegue dizer nada do que sentia.
 (D) — Nas despedidas, o pai promete ensinar o filho a tocar cavaquinho.
- 1.1 Resposta livre.
- 2** O espaço onde o pai estava era uma enfermaria, cheia de doentes com pijama cor de tijolo.
- 3** O pai estava deitado numa cama de ferro branca e com soro a entrar na mão direita.
- 4** Resposta livre.
- 5** O pai quis saber tudo: como estavam os animais, as culturas e as árvores de fruto.
- 6** (A) — 2; (B) — 3; (C) — 1.
- 6.1 (A) — 2, porque o Pedro fala das notas da escola e do cansaço que sente por ter de trabalhar tanto. (B) — 3, porque o Pedro apresenta a reação das pessoas em casa à falta do pai.
 (C) — 1, porque o Pedro pensa em como gosta do pai e em como tem vontade de o abraçar.
- 6.2 Enumeração.

GRUPO II

- 1 Cama, há, pai, perguntou, pijamas, pintada, quis, soro, tempo, tomar.
- 2 *conversa* — grave; *animais* — aguda; *câmaras* — esdrúxula.
- 3 3.1 *breve* — adjetivo; *vou, vais, ver* — verbos; *para* — preposição; *casa* — nome.
3.2 Brevemente.
- 4 **Exclamativa:** «Breve vou para casa, vais ver!». **Declarativas:** «Não dói nada.»; «Ainda tem as cordas todas.»; «Quando sair daqui, vou ensinar-te a tocá-lo.»
- 5 *Nasciam* (pretérito imperfeito do indicativo, 3.ª pessoa do plural); *tinham comido* (pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo, 3.ª pessoa do plural); *queres* (presente do indicativo, 2.ª pessoa do singular).
- 6 (A) ao hospital; (B) para casa; (C) de conversa; (D) com a cabeça.

GRUPO III

Dada a natureza da atividade, não se apresenta um cenário de resposta.

Ficha de avaliação 2 B

GRUPO I

Parte A

- 1 I. (C); II. (D); III. (A); IV. (D).
- 2 (A) — 3; (B) — 7; (C) — 4; (D) — 2; (E) — 1.
- 3 Enumeração.

Parte B

- 1 (A) — Ida para o hospital. Situação do pai no hospital.
(B) — Conversa entre o pai e o filho. O pai quer saber o que se passa com os animais e as culturas.
(C) — Pedro gostaria de dizer muitas coisas ao pai, mas não consegue dizer nada do que sentia.
(D) — Nas despedidas, o pai promete ensinar o filho a tocar o cavaquinho.
1.1 Resposta livre.
- 2 O narrador é o Pedro, participante, na primeira pessoa.
- 3 O espaço onde o pai estava era uma enfermaria, cheia de doentes com pijama cor de tijolo.
- 4 O pai estava deitado numa cama de ferro branca e com soro a entrar na mão direita.
- 5 Como estavam os animais, as culturas e as árvores de fruto.
- 6 6.1 (A) — 2; (B) — 3; (C) — 1.
6.2 (C)

GRUPO II

- 1 Cama, há, pai, perguntou, pijamas, pintada, quis, soro, tempo, tomar.
- 2 *conversa* — grave; *animais* — aguda; *câmaras* — esdrúxula.
- 3 3.1 *breve* — adjetivo; *vou, vais, ver* — verbos; *para* — preposição; *casa* — nome.
3.2 Brevemente.
- 4 Breve vou para casa, vais ver! Exclamativa; afirmativa; Não dói nada. Declarativa; afirmativa.
- 5 *Nasciam* (pretérito imperfeito do indicativo, 3.ª pessoa do plural);
tinham comido (pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo, 3.ª pessoa do plural);
queres (presente do indicativo, 2.ª pessoa do singular).
- 6 (A) ao hospital; (B) para casa; (C) de conversa; (D) com a cabeça.

GRUPO III

Dada a natureza da atividade, não se apresenta um cenário de resposta.

Ficha de avaliação 3 A

GRUPO I

Parte A

- 1 I. (B); II. (C); III. (A); IV. (C); V. (B).
- 2 a) O Clotário sabia («— Eu sei o que é — disse o Clotário —, já vi na televisão. É uma coisa em que toda a gente canta, e o papá desliga a televisão, porque não gosta.»)
b) O Rufus não sabia («— Uma opereta? O que é isso? — perguntou o Rufus.»)

Parte B

- 1 **Autor:** Manuel António Pina.
Título: *Os piratas*.
Editor: Porto Editora.
Ano de edição: 2015.
Tipo de texto: Dramático.
- 2 Para representar a cena transcrita seriam necessários dois atores. Sabemos isso porque as indicações das personagens que falam apontam para a existência de duas personagens (A Ana e o Manuel).
- 3 Os adereços necessários para a representação desta peça são: um banco, duas cadeiras e uma boneca semidesfeita.
- 4 **Gestos dos atores:** (A); (C); (D); (E); (G)
Cenário: (B); (F).
- 5 A ação localiza-se no sótão da casa do Manuel.

- 6 «Meio da tarde» (l. 2).
- 7 Ana e Manuel são amigos.
- 8 Onomatopeia.
- 8.1 Com esta onomatopeia, Manuel reproduz o som de uma trovoadas, assustando a sua amiga Ana.
- 9 Toda a cena acontece enquanto há uma grande tempestade («Dia de tempestade. A chuva bate furiosamente na janela, o vento agita as cortinas. O ruído do mar embravecido ao fundo.»).
- 9.1 A Ana sente-se triste por se lembrar do naufrágio. Os barulhos da tempestade aumentam ainda mais a tristeza e as más recordações.
- 10 A Ana, porque é otimista, não quer falar de coisas tristes e tenta mudar o assunto da conversa, revelando curiosidade em saber o que está na arca.

GRUPO II

- 1 1.1 *Me* — complemento indireto; *que tens medo de trovoadas* — complemento direto.
1.2 Não me digas **isso**...
- 2 *Tarde* — Adjetivos: *tardio/tardo*; Verbos: *entardecer/tardar*.
Chuva — Adjetivos: *chuvoso/chovediço*; Verbos: *chover/chuviscar/chuvinhar*.
- 3 (A) *bate* — presente do indicativo, 3.^a pessoa do singular do verbo *bater*.
(B) *olhando* — gerúndio do verbo *olhar*.
(C) *dês* — presente do conjuntivo, 2.^a pessoa do singular do verbo *dar*.
(D) *dizia* — pretérito imperfeito do indicativo, 1.^a pessoa do singular do verbo *dizer*.
(E) *sai* — imperativo presente, 2.^a pessoa do singular do verbo *sair*.
(F) *cair* — infinitivo presente (impessoal) do verbo *cair*.
- 4 (A) Tipo — exclamativa; Forma — afirmativa;
(B) Tipo — declarativa; Forma — negativa;
(C) Tipo — interrogativa; Forma — afirmativa;
(D) Tipo — imperativa; Forma — negativa.
- 5 Puxando Manuel para o centro da cena, Ana ordenou-lhe que saísse da janela. Podia cair algum raio. Manuel, admirado, respondeu-lhe que os raios caíam no mar.

GRUPO III

Dada a natureza da atividade, não se apresenta um cenário de resposta.

GRUPO I

Parte A

- 1 I. (B); II. (C); III. (A); IV. (C); V. (B).
- 2 a) O **Clotário** sabia («— Eu sei o que é — disse o Clotário —, já vi na televisão. É uma coisa em que toda a gente canta, e o papá desliga a televisão, porque não gosta.»)
b) O **Rufus** não sabia: («— Uma opereta? O que é isso? — perguntou o Rufus.»)

Parte B

- 1 **Autor:** Manuel António Pina.
Título: *Os Piratas*.
Editor: Porto Editora.
Ano de edição: 2015.
Tipo de texto: Dramático.
- 2 Para representar a cena transcrita seriam necessários dois atores. Sabemos isso porque as indicações das personagens que falam apontam para a existência de duas personagens (A Ana e o Manuel).
- 3 Os adereços necessários para a representação desta peça são: um banco (B), duas cadeiras (D) e uma boneca semidesfeita (F).
- 4 **Gestos dos atores:** (B); (D).
Cenário: (A); (C).
- 5 I. (A); II. (C); III. (A); IV. (B); V. (B); VI. (C).

GRUPO II

- 1 1.1 (A) O pronome pessoal *me* desempenha a função sintática de complemento indireto.
(B) A expressão *que tens medo de trovoadas* desempenha a função sintática de complemento direto.
1.2 (A) «— Não me digas **isso**...»
- 2 *Tarde* — Adjetivos: *tardio/tardo*; Verbos: *entardecer/tardar*.
Chuva — Adjetivos: *chuvoso/chovediço*; Verbos: *chover/chuviscar/chuvinhar*.
- 3 (A) *bate* — presente do indicativo, 3.ª pessoa do singular do verbo *bater*.
(B) *dês* — presente do conjuntivo, 2.ª pessoa do singular do verbo *dar*.
(C) *dizia* — pretérito imperfeito do indicativo, 1.ª pessoa do singular do verbo *dizer*.
(D) *sai* — imperativo presente, 2.ª pessoa do singular do verbo *sair*.
- 4 (A) Tipo — exclamativa; Forma — afirmativa; (B) Tipo — declarativa; Forma — negativa;
(C) Tipo — interrogativa; Forma — afirmativa; (D) Tipo — imperativa; Forma — negativa.
- 5 *Puxando Manuel para o centro da cena, Ana ordenou-lhe que saísse da janela. Podia cair algum raio. Manuel, admirado, respondeu-lhe que os raios caíam no mar.*

GRUPO III

Dada a natureza da atividade, não se apresenta um cenário de resposta.

Ficha de avaliação 4 A

GRUPO I

Parte A

- 1 (A) — V; (B) — V; (C) — F; (D) — F; (E) — V; (F) — F; (G) — F; (H) — V.
- 2 1 — (D); 2 — (F); 3 — (E); 4 — (B); 5 — (A); 6 — (C).

Parte B

- 1 A cena decorre no palácio do rei Alcínoo, numa sala grande, sem luxo, com uma mesa enorme, à volta da qual estão sentados a família real, os convidados e Ulisses, perto do rei, que está à cabeceira.
- 2 Ulisses é inteligente e sensível («Reparo que o nosso convidado está comovido.»). É aventureiro. Revelou ser astuto, inventando um estratagema que levou a que os gregos saíssem vitoriosos. É idolatrado pelos outros, pelo seu carácter («Deixai que se ouçam as penas do divino Ulisses, para que possamos consolá-lo.»). O rei Alcínoo chama-lhe valente e a sua filha Nausícaa quer que a sua esposa, a rainha Aretê, o elevem a um patamar divino («É bem verdade o que dizes, divino Ulisses.»). Este, no entanto, revela ser simples e humano, sentindo-se infeliz por ter perdido os seus colegas de viagem e por não ter ainda conseguido chegar aos braços da sua esposa Penélope e do seu filho, Telémaco («Ora, depois da guerra, parti de regresso à minha terra e família, com a pressa que dão as saudades da minha querida Penélope e do meu filho Telémaco, largado com um mês de idade e agora já um homem.»).
- 3 Os convivas ficam admirados e ao mesmo tempo apavorados com os perigos que Ulisses ultrapassou.
- 4 Se a Sorte nos acompanhar, tudo se torna fácil. Quando tal não acontece, o que parecia fácil torna-se extremamente difícil e penoso.
- 5 Quem ajudou Ulisses a regressar a Ítaca foi o rei Alcínoo.
- 5.1 Alcínoo oferece-lhe um dos seus navios, que o conduzirá sem erro às suas terras, «pois os barcos dos Feácios são diferentes de todos os outros: não necessitam de timoneiro nem de leme e compreendem o pensamento dos homens», levando-os «direitinhos ao porto de chegada», rapidamente, sem naufragarem nem sendo parados pelas tempestades.

GRUPO II

- 1 a) façam; b) imaginásseis; c) prosseguireis; d) ouviréis.
- 2 (A) Ulisses ajudou-os a vencê-los; (B) Demódoco contou-lhes o episódio do Cavalo de Troia; (C) Ele não quis parecer ingrato a Alcínoo; (D) Nausícaa e o seu pai queriam ouvi-lo para o consolar. OU Nausícaa e o seu pai queriam-no ouvir para o consolar.
- 3 Aretê disse ao divino Ulisses que era bem verdade o que dizia. Ulisses, virando-se para a rainha, disse-lhe obrigado. Virando-se para os outros, acrescentou que, depois da guerra, partira/tinha partido de regresso à sua terra e família, com a pressa que davam as saudades da sua querida Penélope e do seu filho Telémaco, largado com um mês de idade e, naquele momento, já um homem.

GRUPO III

Dada a natureza da atividade, não se apresenta um cenário de resposta.

GRUPO I

Parte A

- 1 (A) — V; (B) — V; (C) — F; (D) — F; (E) — V; (F) — F; (G) — F; (H) — V.
- 2 1 — (D); 2 — (C); 3 — (A); 4 — (B).

Parte B

- 1 A cena decorre no palácio do rei Alcínoo, numa sala grande.
 - 2 (A), (C), (G), (H), (J), (L).
 - 3 Os convivas, em relação a Ulisses, manifestam sentimentos aparentemente contraditórios: por um lado, ficam **admirados/indiferentes** com a sua presença; por outro, **tranquilizam-se/apavoram-se** com o relato das suas façanhas e dos perigos que teve de ultrapassar.
 - 4 (A)
 - 5 Quem ajudou Ulisses a regressar a Ítaca foi o rei Alcínoo.
- 5.1 Alcínoo oferece-lhe um dos seus navios, que o conduzirá sem erro às suas terras, «pois os barcos dos Feácios são diferentes de todos os outros: não necessitam de timoneiro, nem de leme e compreendem o pensamento dos homens», levando-os «direitinhos ao porto de chegada», rapidamente, sem naufragarem nem pararem por causa das tempestades.

GRUPO II

- 1 a) façam; b) imaginásseis; c) prosseguires; d) ouviríeis.
- 2 (A) Ulisses ajudou-**os** a vencê-**los**; (B) Demódoco contou-**lhes** o episódio do Cavalo de Troia; (C) **Ele** não quis parecer ingrato a Alcínoo; (D) Nausícaa e o seu pai queriam ouvi-**lo** para o consolar. **OU** Nausícaa e o seu pai queriam-**no** ouvir para o consolar.
- 3 Aretê disse que era bem verdade o que ele, divino Ulisses, dizia. Este, virando-se para a rainha, disse-lhe obrigado.

GRUPO III

Dada a natureza da atividade, não se apresenta um cenário de resposta.

Ficha de avaliação 5 A

GRUPO I

Parte A

- 1 I. (B); II. (C); III. (D); IV. (A); V. (C); VI. (D).
- 2 1 — (C); 2 — (D); 3 — (E); 4 — (F); 5 — (A); 6 — (B).
- 3 (A) — 3; (B) — 4; (C) — 1; (D) — 2.

Parte B

- 1 (A) 1.^a estrofe: oitava; 2.^a estrofe: sétima; 3.^a estrofe: oitava.
 (B) 1.^a estrofe: *aabbcccd*; 2.^a estrofe: *aabcddc*; 3.^a estrofe: *abacdede*.
 (C) 1.^a estrofe: rima *a*: emparelhada; rima *b*: emparelhada; rima *c*: emparelhada.
 2.^a estrofe: rima *a*: emparelhada; rima *c*: interpolada; rima *d*: emparelhada.
 3.^a estrofe: rima *a*: cruzada; rima *d*: interpolada; rima *e*: cruzada.
- 2 O poema divide-se em duas partes: na primeira, Bartolomeu é adulto e capitão; a partir do quinto verso da primeira estrofe, inicia-se a segunda parte, em que Bartolomeu é menino.
- 3 Na primeira parte, Bartolomeu é apresentado como um herói que ficou para a história como tendo vencido um gigante enorme e antigo. Na segunda, é-nos apresentado como um menino fascinado pelo mar, sonhador e com uma capacidade especial para ouvir e compreender o mar.
- 4 Pelos dados do poema, percebe-se que Bartolomeu desejava vir a ser um navegador.
- 5 (A) Personificação. (B) Metáfora.
 5.1 É uma personificação (A) o som do mar é relacionado com a voz humana; É uma metáfora porque (B), a nuvem, pela forma que apresenta, é associada a uma caravela que andava a descobrir os céus. Os sentidos são figurados.

GRUPO II

- 1 Nomes: *vez, capitão, Bartolomeu, gigante*.
 Verbos: *era, (chamado), venceu*.
 Adjetivos: *português, enorme, antigo*.
 Determinantes: *uma, um*.
 Pronome: *que*.
- 2 Pretérito imperfeito indicativo.
 2.1 *Era, ia, ficava, cismava, andava, ouvia, contava, dizia*.
- 3 (A) ... venci um gigante maior e mais antigo. (B) ... que venceu o gigante enormíssimo e antiquíssimo.
- 4 (A) complemento oblíquo; (B) predicativo do sujeito; (C) complemento direto.
- 5 Um gigante enorme e antigo foi vencido por Bartolomeu.

GRUPO III

Dada a natureza da atividade, não se apresenta um cenário de resposta.

GRUPO I

Parte A

- 1 I. (B); II. (C); III. (D); IV. (A); V. (C); VI. (D).
- 2 1 — (C); 2 — (D); 3 — (E); 4 — (F); 5 — (A); 6 — (B).
- 3 (A) — 3; (B) — 4; (C) — 1; (D) — 2.

Parte B

- 1 (A) 1.^a estrofe: oitava; 2.^a estrofe: sétima; 3.^a estrofe: oitava.
(B) 1.^a estrofe: *aabbcccd*; 2.^a estrofe: *aabcddc*; 3.^a estrofe: *abacdede*.
(C) 1.^a estrofe: rima *a*: emparelhada; rima *b*: emparelhada; rima *c*: emparelhada.
2.^a estrofe: rima *a*: emparelhada; rima *c*: interpolada; rima *d*: emparelhada.
3.^a estrofe: rima *a*: cruzada; rima *d*: interpolada; rima *e*: cruzada.
- 2 1.^a parte: Bartolomeu é apresentado como um herói que ficou para a história como tendo vencido um gigante enorme e antigo.
2.^a parte: Bartolomeu é apresentado como um menino fascinado pelo mar, sonhador e com uma capacidade especial para ouvir e compreender o mar.
- 3 Pelos dados do poema, percebe-se que Bartolomeu desejava vir a ser um navegador.
- 4 (A) Personificação.
(B) Metáfora.
4.1 ... personificação ... falar;
... metáfora ... uma caravela ... forma.

GRUPO II

- 1 Nomes: *vez, capitão, Bartolomeu, gigante*.
Verbos: *era, (chamado), venceu*.
Adjetivos: *português, enorme, antigo*.
Determinantes: *uma, um*.
Pronome: *que*.
- 2 (B)
2.1 *Era, ia, ficava, cismava, andava, ouvia, contava, dizia*.
- 3 (A) ... venci um gigante maior e mais antigo.
(B) ... que venceu o gigante enormíssimo e antiquíssimo.
- 4 (A) II.; (B) III.; (C) I.
- 5 Um gigante enorme e antigo foi vencido por Bartolomeu.

GRUPO III

Dada a natureza da atividade, não se apresenta um cenário de resposta.

Ficha de avaliação 6 A

GRUPO I

Parte A

- 1 I. (D); II. (D); III. (D); IV. (A).
- 2 (A) — 5; (B) — 3; (C) — 6; (D) — 7; (E) — 4.
- 3 É quando a tromba de água termina e a água acumulada é libertada de repente.

Parte B

- 1
 - 1.1 O sujeito poético dirige-se à nau Catarineta.
 - 1.2 O sujeito poético encontra-se perdido no mar.
 - 1.3 Ele pede que a nau Catarineta o vá buscar onde está perdido.
- 2 O mundo e a vida parecem muito grandes ao sujeito, porque ele está completamente perdido e não sabe para onde ir.
- 3 Ele tem saudades do seu cavalo branco e das meninas que deixou em Portugal.
- 4 As semelhanças entre as duas histórias são: o nome da nau; estar perdido no mar; referência às meninas e um cavalo branco; ser a nau a única possibilidade de salvação.
- 5 As estrofes têm quatro versos. Por isso, são quadras.
- 6 Só há rima nos versos pares (2 e 4) — rimas cruzadas.

GRUPO II

- 1 *Mar, maresia, marinheiro, maremoto.*
- 2 (A) *vir-me-á*; (B) *vinha-me*; (C) *tem-me vindo*.
- 3 (A) *o maior*; (B) *máximo*; (C) *muito grande*.
- 4 (A) Antes dele o céu escurece;
(B) No mar rodam e absorvem-nas.
- 5 (B)
- 6 E o cavalo branco também era lá visto por mim.

GRUPO III

Dada a natureza da atividade, não se apresenta um cenário de resposta.

GRUPO I

Parte A

- 1 I. (D); II. (D); III. (D); IV. (A); V. (D).
- 2 (A) — 5; (B) — 3; (C) — 6; (D) — 7; (E) — 4.

Parte B

- 1
 - 1.1 O sujeito poético dirige-se à nau Catarineta.
 - 1.2 O sujeito poético encontra-se perdido no mar.
 - 1.3 Ele pede que a nau Catarineta o vá buscar onde está perdido.
- 2 (B)
- 3 mundo — vida — saudades — meninas — cavalo branco — Portugal.
- 4 As semelhanças entre as duas histórias são: o nome da nau; estar perdido no mar; haver meninas e um cavalo branco; ser a nau a única possibilidade de salvação.
- 5 As estrofes têm quatro versos. Por isso, são quadras.

GRUPO II

- 1 *Mar, maresia, marinheiro, maremoto.*
- 2 (A) *vir-me-á*; (B) *vinha-me*; (C) *tem-me vindo*.
- 3 (A) *o maior*; (B) *máximo*; (C) *muito grande*.
- 4 (A) Antes dele o céu escurece;
(B) No mar rodam e absorvem-nas.
- 5 (B)
- 6 E o cavalo branco também lá era visto por mim.

GRUPO III

Dada a natureza da atividade, não se apresenta um cenário de resposta.

Cotações das fichas de avaliação A

	GRUPO I		GRUPO II	GRUPO III
Ficha de avaliação 1 A	Parte A 1. 8 pontos 2. 6 pontos 3. 3.1 2 pontos 3.2 4 pontos Parte B 1. 3 pontos	2. 3 pontos 3. 4 pontos 4. 4 pontos 5. 3 pontos 5.1 4 pontos 6. 4 pontos 7. 5 pontos	1. 1.1 2 pontos 1.2 2 pontos 1.3 (A) (B) (C) 3 pontos (3 × 1) 2. (A) (B) (C) 3 pontos (3 × 1) 3. (A) 1 ponto (B) 1 ponto (C) 2 pontos 4. (A) (B) (C) 3 pontos (3 × 1)	30 pontos
Ficha de avaliação 2 A	Parte A 1. 12 pontos 2. 4 pontos 3. 3.1 2 pontos 3.2 2 pontos Parte B 1. 5 pontos 1.1 3 pontos	2. 3 pontos 3. 3 pontos 4. 3 pontos 5. 4 pontos 6. 3 pontos 6.1 3 pontos 6.2 3 pontos	1. 2 pontos 2. 2 pontos 3. 3.1 2 pontos 3.2 2 pontos 4. 3 pontos 5. 3 pontos 6. 6 pontos	30 pontos
Ficha de avaliação 3 A	Parte A 1. I. 3 pontos II. 3 pontos III. 3 pontos IV. 3 pontos V. 3 pontos 2. 5 pontos Parte B 1. 2,5 pontos 2. 2 pontos	3. 2 pontos 4. 3,5 pontos 5. 2 pontos 6. 2 pontos 7. 2 pontos 8. 2 pontos 8.1 3 pontos 9. 2 pontos 9.1 3 pontos 10. 4 pontos	1. 1.1 3 pontos 1.2 3 pontos 2. 3 pontos 3. 3 pontos 4. 4 pontos 5. 4 pontos	30 pontos
Ficha de avaliação 4 A	Parte A 1. 14 pontos 2. 6 pontos Parte B 1. 5 pontos	2. 6 pontos 3. 5 pontos 4. 5 pontos 5. 4 pontos 5.1 5 pontos	1. 6 pontos 2. 6 pontos 3. 8 pontos	30 pontos
Ficha de avaliação 5 A	Parte A 1. 12 pontos (6 × 2) 2. 4 pontos 3. 4 pontos	Parte B 1. 5 pontos 2. 4 pontos 3. 5 pontos 4. 4 pontos 5. (A) (B) 6 pontos 5.1 6 pontos	1. 5 pontos 2. 2 pontos 2.1 3 pontos 3. (A) (B) 4 pontos 4. (A) (B) (C) 3 pontos 5. 3 pontos	30 pontos
Ficha de avaliação 6 A	Parte A 1. 12 pontos (4 × 3) 2. 4 pontos 3. 4 pontos	Parte B 1. 1.1 2 pontos 1.2 2 pontos 1.3 2 pontos 2. 5 pontos 3. 5 pontos 4. 5 pontos 5. 4 pontos 6. 5 pontos	1. 4 pontos 2. (A) (B) (C) 3 pontos 3. (A) (B) (C) 3 pontos 4. (A) (B) 4 pontos 5. 2 pontos 6. 4 pontos	30 pontos

Cotações das fichas de avaliação B

	GRUPO I		GRUPO II	GRUPO III
Ficha de avaliação 1 B	Parte A 1. 8 pontos 2. 6 pontos 3. 3.1 2 pontos 3.2 4 pontos Parte B 1. 3 pontos	2. 3 pontos 3. 4 pontos 4. 4 pontos 5. 3 pontos 5.1 4 pontos 6. 4 pontos 7. 7.1 2 pontos 7.2 3 pontos	1. 1.1 2 pontos 1.2 2 pontos 1.3 (A) (B) (C) 3 × 1 ponto 2. (A) (B) (C) 3 × 1 ponto 3. (A) 1 ponto (B) 1 ponto (C) 2 pontos 4. (A) (B) (C) 3 × 2 pontos	30 pontos
Ficha de avaliação 2 B	Parte A 1. 12 pontos 2. 5 pontos 3. 3 pontos Parte B 1. 5 pontos 1.1 3 pontos	2. 4 pontos 3. 4 pontos 4. 4 pontos 5. 4 pontos 6. 6.1 3 pontos 6.2 3 pontos	1. 2 pontos 2. 2 pontos 3. 3.1 2 pontos 3.2 2 pontos 4. 3 pontos 5. 3 pontos 6. 6 pontos	30 pontos
Ficha de avaliação 3 B	Parte A 1. I. 3 pontos II. 3 pontos III. 3 pontos IV. 3 pontos V. 3 pontos 2. 5 pontos Parte B 1. 3 pontos 2. 2 pontos	3. 3 pontos 4. 4 pontos 5. I. 3 pontos II. 3 pontos III. 3 pontos IV. 3 pontos V. 3 pontos VI. 3 pontos	1. 1.1 (A) 1,5 pontos (B) 1,5 pontos 1.2 2 pontos 2. 4 pontos 3. 3 pontos 4. 4 pontos 5. 4 pontos	30 pontos
Ficha de avaliação 4 B	Parte A 1. 14 pontos 2. 6 pontos Parte B 1. 5 pontos	2. 6 pontos 3. 5 pontos 4. 5 pontos 5. 4 pontos 5.1 5 pontos	1. 6 pontos 2. 6 pontos 3. 8 pontos	30 pontos
Ficha de avaliação 5 B	Parte A 1. 12 pontos (6 × 2) 2. 4 pontos 3. 4 pontos	Parte B 1. 9 pontos 2. 6 pontos 3. 5 pontos 4. (A) (B) 5 pontos 4.1 5 pontos	1. 5 pontos 2. 3 pontos 2.1 4 pontos 3. (A) (B) 2 pontos 4. (A) (B) (C) 3 pontos 5. 3 pontos	30 pontos
Ficha de avaliação 6 B	Parte A 1. 15 pontos (5 × 3) 2. 5 pontos	Parte B 1. 1.1 2 pontos 1.2 2 pontos 1.3 2 pontos 2. 5 pontos 3. 5 pontos 4. 5 pontos 5. 4 pontos 6. 5 pontos	1. 4 pontos 2. (A) (B) (C) 3 pontos 3. (A) (B) (C) 3 pontos 4. (A) (B) 4 pontos 5. 2 pontos 6. 4 pontos	30 pontos